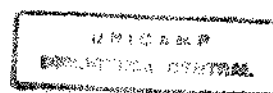


**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - IEL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA**

**MANUTENÇÃO E MUDANÇA DE LÍNGUA:
UM ESTUDO DA COMUNIDADE ÁRABE EM SÃO PAULO**

OMAR KHATTAB SALAWDEH

**CAMPINAS
1997**



Omar Khattab Salawdeh

**MANUTENÇÃO E MUDANÇA DE LÍNGUA:
UM ESTUDO DA COMUNIDADE ÁRABE EM SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maria Alkmin

f

Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
1997

9919690

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Sa31m

Salawdeh, Omar Khattab

Manutenção e mudança de língua: um estudo da comunidade árabe em São Paulo / Omar Khattab Salawdeh. - - Campinas, SP: [s.n.], 1997.

Orientador: Tania Maria Alkmin

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sociolinguística X 2. Língua árabe. I. Alkmin, Tania Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Esta dissertação foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Tânia Maria Alkmin (Orientadora)

Prof. Dr. Sírio Possenti

Profa. Dra. Denise Bértoli Braga

Profa. Dra. Maria Luiza Braga (Suplente)

Campinas, 15 de Dezembro de 1997

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por OMAR KHATTAB SALAWJEH

e aprovada pela Comissão Julgadora em
15 / 12 / 97.

Profa. Dra. Tânia Maria Alkmin.

A meus pais

AGRADECIMENTOS

A Tânia Maria Alkmin, pela orientação segura, pelo constante estímulo e pela confiança;

Ao meu tio Muhammad, sua esposa Laudelina e meus primos Soraya, Nádia, Mágida e Naief, pelo apoio que sempre me deram;

A Nádia Farage, a quem devo muito;

A Sírio Possenti e Denise Bértoli Braga, pelas valiosas sugestões e críticas no exame de qualificação;

A Pascoalina Bailon de Oliveira e Luciane Ester Tenani pela escrupulosa revisão deste trabalho;

Aos funcionários da Secretaria de Pós-graduação, da Biblioteca e da Comissão de Informática do IEL, pela ajuda sempre atenciosamente prestada;

A Jorge Safady, Reverendo Raji khouri, Ibrahim Goraieb e Assaad Zaidan, pelas conversas e pelo material sobre a imigração árabe no Brasil;

A Montaz Orra e Safa Jubran, pela ajuda na coleta de parte dos dados;

A Muhammad Habib, Muhammad Abu Adile, Muhammad Latif, Renata de Fátima

Gonçalves e demais amigos que, de perto ou à distância, sempre torceram por este trabalho;

Aos informantes, pelos dados que tornaram este trabalho uma realidade;

À CAPES, pela bolsa de estudo que possibilitou a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I : A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ÁRABE PARA O BRASIL	12
1.1. Os Motivos da Imigração Árabe	12
1.2. O Movimento Imigratório Árabe	15
1.3. A Atuação dos Primeiros Imigrantes: A Figura do Mascate	20
1.4. Panorama Atual	22
CAPÍTULO II: A VITALIDADE ETNOLINGÜÍSTICA DA COMUNIDADE ÁRABE EM SÃO PAULO	24
2.1. Os Fatores de <i>Status</i>	26
2.1.1. O <i>Status</i> da Língua Árabe	26
2.1.2. O <i>Status</i> Sócioeconômico dos Imigrantes Árabes	27
2.2. Os Fatores de Apoio Institucional	29
2.2.1. A Mídia	29
2.2.2. A Educação	31
2.3. Os Fatores de Concentração Demográfica	33
2.3.1. Os Fatores Demográficos	33
2.3.2. Os Casamentos Endogâmicos e Exogâmicos	35
2.3.3. Uma Observação Relevante: Os Modelos de Imigração	38
CAPÍTULO III: O PROCESSO DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA DO ÁRABE PARA O PORTUGUÊS	42
3.1. As Características Sociais da Amostra	42

3.2. O Grau do Bilingüismo	44
3.3. Os Domínios de Uso Lingüístico na Comunidade Árabe em São Paulo	46
3.3.1. O Domínio Doméstico	47
3.3.2. O Domínio da Religião	51
3.3.3. O Domínio da Educação	53
3.3.4. O Domínio do Trabalho	54
3.3.5. O Domínio da Amizade	55
3.3.6. O Domínio dos Clubes	55
3.3.7. O Domínio da Vizinhança	56
3.4. Usos Privado do Árabe e do Português	59
3.5. O Papel das Variáveis Não Lingüísticas na Manutenção e Mudança da Língua	61
3.5.1. Situação Sócioeconômica	61
3.5.2. Idade	61
3.5.3. Sexo	62
3.5.4. Religião	63
3.5.5. Escolaridade	63
CAPÍTULO IV: ATITUDES LINGÜÍSTICAS SOBRE O ÁRABE E O PORTUGUÊS	64
4.1. Métodos de Pesquisa sobre as Atitudes Lingüísticas	65
4.2. Atitudes Lingüísticas com Relação ao Árabe e ao Português	66
4.2.1 Algumas Observações Gerais	66
4.2.2. Instrumentalismo <i>Versus</i> Afetivo	67

4.2.2.1. Língua e Religião	69
4.2.2.2. Língua e Identidade	70
CONCLUSÃO	75
ANEXO I	77
ANEXO II	82
SUMMARY	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

RESUMO

Este trabalho examina certos aspectos de contato lingüístico entre o árabe e o português, principalmente no que diz respeito à manutenção e à mudança de língua entre os brasileiros de origem árabe, provenientes da Síria, Líbano e Palestina, da segunda geração em São Paulo.

Além de uma breve introdução para delinear o problema, este trabalho contém quatro capítulos. O primeiro trata da história da imigração árabe para o Brasil, suas etapas e motivos, e o panorama atual dos descendentes de árabes na sociedade brasileira, à luz de Knowlton (1951), Safady (1973), Hajjar (1985) e Zeghidour (1982). O segundo capítulo examina os diversos fatores extralingüísticos que favorecem a assimilação dos brasileiros árabes em São Paulo ou a dificultam e tem como base teórica Gaarder (1979), Grosjean (1982), Fasold (1984), Giles *et al* (1977), entre outros. O terceiro capítulo investiga a atual situação lingüística dos brasileiros árabes em São Paulo através da análise do processo da mudança do árabe para o português. A análise baseia-se em Weinreich (1952), Fishman (1965), (1966), e (1972) e outros estudos relevantes. Finalmente, o quarto capítulo lida com as atitudes dos descendentes de árabes em relação ao árabe e ao português. Neste sentido, Shuy e Fasold (1973) e Ryan e Giles (1982) foram de grande utilidade.

Este trabalho mostra que a maioria dos descendentes de árabes em São Paulo tem o português como a primeira língua e que o árabe está ameaçado de extinção enquanto língua viva usada por eles no cotidiano.

Palavras-chave: Sociolingüística - A Língua Árabe em São Paulo

INTRODUÇÃO

As línguas, assim como as pessoas, entram em contato e se influenciam em vários níveis, gerando numerosos fenômenos lingüísticos a serem estudados e analisados. O árabe e o português estiveram primeiramente em contato durante o domínio árabe sobre a Península Ibérica. O efeito da língua árabe, especialmente no léxico, é vivido no português. Assim, palavras como: *alicerce*, *auge*, *oxalá* e *taça* são somente alguns poucos exemplos, dentre muitas outras palavras que continuam a ser usadas no português atual.

Dado que houve imigração de população de língua árabe para o Brasil, isto é, indivíduos originários do Líbano, Síria e Palestina, o árabe entrou novamente em contato com o português mas, desta vez, em situação inversa. No passado, a influência do árabe no português era mais forte do que a do português no árabe, uma vez que esta era a língua dos dominadores e da ciência e conhecimento na Idade Média. No presente, porém, a influência do português é mais forte já que esta é a língua dominante, enquanto o árabe é a língua de um grupo minoritário.

Em situações de contato, as possíveis conseqüências sobre as línguas, ou variedades, envolvidas incluem: a manutenção de ambas como entidades separadas; uma mudança lingüística no sistema lingüístico de uma língua ou de ambas; uma influência muito grande de uma língua sobre a outra ou, finalmente, o abandono de uma língua em favor da outra.

A mudança de língua é o processo pelo qual a língua A é substituída (parcialmente ou totalmente) pela língua B na medida em que a primeira torna-se não funcional em um ou mais domínios de seu uso lingüístico (Pandharipande, 1992: 253). Em outros termos, a mudança de língua é o processo pelo qual uma dada comunidade abandona gradualmente sua língua original e, via uma fase intermediária de bilingüismo, adota uma outra língua. Isso ocorre normalmente como resultado de alguma forma de pressão social, cultural, política, econômica e/ou militar.

A mudança de língua reflete uma mudança no *status* e/ou valores dos falantes de uma certa comunidade. Algumas mudanças levam eventualmente à adoção de uma nova língua. Isso geralmente ocorre quando falantes de línguas diferentes convivem proximamente durante muito tempo, resultando em um alto grau de assimilação cultural de um grupo ao outro no decorrer da mudança social.

A perda da língua é uma consequência final da mudança. Tal perda envolve uma completa mudança de uma língua para outra pelos membros de uma dada comunidade. Esse processo pode levar um longo tempo ou apenas algumas gerações. Entretanto, independentemente do tempo que levar, o fato é que a comunidade acaba por usar uma língua diferente da sua língua original. Dessa forma, a língua original é perdida por falta de falantes nativos e não é mais a primeira língua adquirida pelas crianças (Fasold, 1984:213).

O tema principal deste trabalho é descobrir se a comunidade de origem árabe radicada na cidade de São Paulo que usa o português nos domínios educacionais, ocupacionais, governamentais - sem mencionar sua exposição contínua à mídia local - está mantendo seu caráter bilíngüe ou está mudando em favor do português.

O trabalho será organizado em quatro capítulos: o primeiro trata da história da imigração árabe para o Brasil, considerando suas etapas e motivos, e o panorama atual dos descendentes de árabes na sociedade brasileira. O segundo capítulo lida com os fatores extralingüísticos que influenciam a manutenção do árabe ou a mudança para o português na cidade de São Paulo. O terceiro examina o atual comportamento lingüístico dos descendentes de árabes na referida cidade, fornecendo uma análise detalhada da sua competência e do uso lingüístico do árabe e do português. A análise baseia-se no estudo de 72 informantes, considerando-se a relevância de fatores como sexo, idade, religião, profissão e escolaridade. Finalmente, o quarto capítulo investiga as atitudes lingüísticas dos descendentes de

árabes em relação às duas línguas utilizadas, atitudes estas que afetam consideravelmente a manutenção do árabe ou a mudança para o português.

CAPÍTULO I A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ÁRABE PARA O BRASIL

A partir da segunda metade do século XIX, dezenas de nacionalidades afluíram, em levas, para o Novo Mundo. O Brasil, assim como muitos outros países da América Latina, abrigou várias comunidades que imigraram principalmente devido a razões econômicas e/ou políticas. Esses novos brasileiros enriqueceram o patrimônio nacional com os hábitos de seus países de origem e ajudaram a construir as instituições econômicas e políticas do país que os acolheu.

Os imigrantes árabes estavam entre esses que chegaram ao Brasil, sendo em sua maioria procedentes do Líbano, Síria e Palestina. Estes imigrantes espalharam-se por todo o país: quase se pode dizer que não existe uma cidade no território brasileiro, por menor que seja, que não possua pelo menos uma família ou um indivíduo de origem árabe. Porém, a maior concentração dos imigrantes árabes localiza-se, pela ordem, em São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Brasília e Rio Grande do Sul. Não se sabe exatamente o número de árabes e seus descendentes no Brasil, mas, de acordo com certas estimativas, estes excedem 11 milhões de pessoas¹.

1.1 Os Motivos da Imigração Árabe

Para melhor compreensão dos motivos da imigração árabe para o Brasil, é necessário considerar o cenário político, econômico e social dos países árabes de onde procederam os indivíduos que deram origem à atual comunidade de São Paulo aqui estudada.

¹ Número fornecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo demográfico de 1980.

No nível político, Síria, Líbano e Palestina, como outros países árabes, pertenciam ao Império Otomano². Durante quase quatro séculos, os árabes, que na maioria são muçulmanos, não se revoltaram contra os turcos porque os muçulmanos, em geral, são ordenados pela religião a obedecer o regime islâmico vigente, independentemente da sua origem étnica, para manter a unidade da nação islâmica. Enfraquecido pelas guerras com seus vizinhos, nas quais milhares de jovens árabes foram levados à morte, e incapaz de acompanhar os passos acelerados da revolução industrial européia, o Império Otomano no período próximo a sua extinção passou a ser chamado de "o homem doente da Europa".

Com o declínio do seu império, os otomanos passaram a considerar suas colônias árabes como um peso adicional sobre seus ombros já exaustos. Em vez de conceder a independência a essas colônias, os otomanos optaram simplesmente por negligenciá-las, o que resultou no espalhamento de ignorância e miséria entre os povos árabes. Eles também seguiram a famosa estratégia de "dividir para reinar" tornando mais agudos os conflitos religiosos entre os árabes cristãos e muçulmanos.

O surgimento do movimento "A Jovem Turquia", que pressionou o governo otomano para "turquificar" os árabes, foi uma declaração de divórcio sem retorno entre o nacionalismo árabe e o panturquismo. Após muitos anos sob jugo estrangeiro, os árabes se levantaram para manter sua própria identidade e conseguir o que lhes era negado na sua terra. Porém, as tentativas dos árabes de se desassociarem da Coroa Turca foram cruelmente reprimidas. Os árabes cristãos foram os mais atingidos

² Império Otomano (1326-1923) : nome derivado de Otman, um chefe turco, que reinou entre as tribos turcas de 1281 a 1326. Originários provavelmente do norte da China, os turcos haviam-se convertido ao Islamismo no século XI e criaram um império que se estendia do Rio Indo ao Mar Mediterrâneo. No fim do século XVII, inicia-se um período de decadência. Apesar da repressão brutal às reivindicações autonomistas, o governo otomano não evita o progressivo desmembramento do império. A aliança com a Alemanha na I Guerra Mundial sela sua sorte. Derrotado, o governo otomano perde as possessões no Oriente Médio e África (Almanaque Abril 97, p.770).

pela perseguição turca porque eram considerados agentes do Ocidente (Zeghidour, 1982: 34 e Safady, 1973: 11).

Os historiadores árabes concordam que o começo do declínio do Império Otomano marca o início da "*Nahda*" (literalmente "elevação") ou do "renascimento" cultural e político árabe. A imigração árabe colocou-se como inevitável para a sobrevivência da *Nahda*. Era necessário que a *Nahda* dispusesse de um lugar neutro, longe da Europa que estava indiretamente envolvida nos conflitos árabes locais e de olho na herança do Império Otomano (Zeghidour, 1982: 54).

Ainda que na sua origem existissem fatores econômicas, a imigração árabe para o Brasil teve motivação política. Os imigrantes árabes, ao menos no que se refere aos pioneiros, eram instruídos e cultos, constituindo-se na elite política e cultural do mundo árabe. Segundo Zeghidour (1982: 9), a imigração árabe para o Brasil "...foi antes de tudo o resultado de uma implacável repressão colonial, constituindo-se, portanto, como a única saída para homens e mulheres animados por um projeto de libertação nacional e de renascimento cultural".

A experiência andaluza em relação à literatura árabe se repetiu no Brasil, que se apresentou como a Nova Andaluzia. A tolerância religiosa e a convivência pacífica entre cristãos, judeus e muçulmanos na Andaluzia resultou em uma revolução na literatura árabe. Os árabes do Brasil constataram que, no seio de um povo e de uma cultura provenientes dessa mesma Andaluzia, eram convocados a reviver a mesma experiência de inovação poética. O Brasil, desta maneira, foi a "capital" da cultura árabe e o lugar onde nasceu a literatura árabe moderna (Zeghidour, 1982: 9-12).

No nível econômico, Líbano, Síria e Palestina eram países feudais. Os senhores feudais, que serviram como representantes políticos da Coroa Turca, eram geralmente funcionários nomeados, nobres locais, chefes tribais ou líderes religiosos. Eles conservaram suas terras sob a condição de prover serviço militar ou pagar tributos anuais a Constantinopla. As condições de vida dos povos dominados

eram precárias. As pessoas sofriam muito com as extorsões e estavam sujeitas a serviço militar quando convocadas. Muitos procuraram abrigo em outros países para escapar das extorsões crônicas e do recrutamento pelo exército otomano (Knowlton, 1951: 18).

A abertura de Canal do Suez em 1869 causou uma depressão econômica nos países árabes de onde vieram os imigrantes. Por um lado, tal abertura permitiu a introdução de produtos estrangeiros mais baratos causando uma queda nas indústrias tradicionais como a de fabricação de seda e de vinho. Por outro, esta abertura acabou de vez com o comércio que florescia ao longo das rotas das caravanas, deixando muita gente sem emprego (Knowlton, 1951: 26).

Como resultado das condições políticas e econômicas então prevalentes no Líbano, Síria e Palestina, a situação social era miserável. Violência, desgoverno, banditismo e pobreza eram fenômenos comuns. Doenças e epidemias periódicas atormentaram também a população desses países durante gerações. Knowlton (1951:28) menciona também entre as demais causas de imigração, o desejo de muitas pessoas de escapar às formas tradicionais de controle social. Por exemplo, alguns imigraram porque seus pais queriam que se dedicassem a determinada ocupação, enquanto outros imigraram para não casar com uma pessoa escolhida pela família.

Esses são os motivos que causaram a fuga dos imigrantes árabes que chegaram ao Brasil durante a primeira etapa imigratória. Os motivos principais que deram origem à segunda etapa imigratória serão discutidos no decorrer da parte seguinte.

1.2 O Movimento Imigratório Árabe

Ao contrário de muitos outros imigrantes, os árabes vieram para cá por conta própria, sem nenhum acordo oficial entre o Brasil e os países de origem que, na época, como já mencionamos, não eram soberanos. Seus passaportes eram emitidos pelo governo otomano, o que os tornou conhecidos como "turcos".

O historiador Jorge Safady, que conduziu uma tese de doutoramento sobre o assunto, observa que não houve, no sentido próprio da expressão, imigração árabe para o Brasil³. Segundo ele, a imigração de japoneses, italianos e alemães se deu em decorrência de um entendimento anterior entre o governo brasileiro e os governos de seus países. Muitos vieram para substituir a mão-de-obra nas fazendas de café, especialmente depois da abolição da escravatura em 1888. Ao chegar no Brasil, estes imigrantes receberam moradia, trabalho e até salário antecipado. Isso não aconteceu no caso dos árabes que tiveram de buscar seus próprios meios de sobrevivência.

Antes da vinda dos árabes para o Brasil, sua cultura esteve presente no país, seja através da herança árabe na Península Ibérica, seja através do escravo africano arabizado. Por um lado, vários historiadores afirmam que os traços étnicos dos portugueses, descobridores do Brasil, são, em parte, semelhantes a dos árabes. Este substrato é resultante de muitos séculos de miscigenação com os árabes (Zeghidour, 1982: 72). Por outro, os registros históricos, alguns dos quais existem atualmente no museu de Salvador, comprovam a filiação religiosa islâmica de muitos escravos brasileiros. Alguns tinham o árabe, a língua do Alcorão, como sua segunda língua (Safady, 1973: 35).

Não se sabe exatamente quando chegou o primeiro imigrante árabe ao Brasil. Diz-se que o descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral, incluiu na sua tripulação um número expressivo de pilotos árabes conhecidos como excelentes navegadores (Hajjar, 1985: 21). Os estudiosos do assunto geralmente datam o início da chegada dos árabes ao Brasil na primeira década da segunda metade do século XIX, já que o primeiro escritor brasileiro de origem árabe, Manuel Said Ali, nasceu em 1861 (Safady, 1973: 37).

³ Informações obtidas durante conversa pessoal com o referido historiador.

Conforme já mencionamos, a imigração árabe para o Brasil foi motivada pelos acontecimentos nos países de origem. Como este trabalho não trata originalmente da imigração e tem apenas como objetivo mostrar as condições que a motivaram, faremos um apanhado histórico-político dos mais importantes acontecimentos que abalaram a terra de origem e acompanharam esta imigração até a atualidade.

De modo geral, podemos apontar que a imigração árabe no Brasil se caracteriza por duas etapas migratórias fundamentais. A primeira se estendeu de 1871 até a Segunda Guerra Mundial e a segunda de 1946 até a época atual.

O movimento migratório efetivo iniciou-se em 1871. Antes dessa época, foi pouco significativo o número de imigrantes de origem árabe no Brasil. Esse período inicial de imigração durou até o ano 1900. Segundo Safady (1949a :28), os imigrantes árabes se concentravam nas regiões onde havia produção de café e de borracha e se dedicavam à mascateagem. O objetivo principal deles era, na absoluta maioria, ganhar dinheiro e depois voltar para a terra de origem.

A febre migratória aumentou consideravelmente por volta de 1908 quando o Império Otomano tornou obrigatório o alistamento militar. Muitos jovens em idade militar procuravam uma nova terra como meio de escapar desse recrutamento. Além disso, a notícia do enriquecimento dos primeiros imigrantes, suas cartas e depósitos bancários aos parentes e amigos causavam entusiasmo na terra natal e estimulavam a chegada de outros.

Após a Primeira Guerra Mundial, houve uma mudança radical no objetivo dos imigrantes árabes. Eles decidiram fixar-se no Brasil não apenas em face da situação política em seus países de origem, mas também em razão do rápido progresso econômico que aqui experimentaram. Muitos tinham fábricas e estabelecimentos comerciais nos grandes centros urbanos. Uma vez bem sucedidos nos negócios, os imigrantes mandaram buscar suas famílias para juntar-se a eles. No período de 1901-1918, os imigrantes

passaram a investir na compra de alojamentos em vez de sonhar com o retorno aos países de origem (Safady, 1949a: 43).

Segundo Knowlton (1951: 42), o Estado de São Paulo recebeu imigrantes árabes mais do que qualquer outro Estado. Desde o começo da imigração, o Estado, e em particular a cidade de São Paulo, foi um importante centro de atração para os imigrantes árabes. Muitos fixaram-se em regiões específicas como as ruas 25 de Março e Florêncio de Abreu no centro da cidade de São Paulo. O mascate árabe fazia o seu itinerário entre a capital paulista, onde ele comprava a mercadoria, e o interior do estado. Muitos imigrantes que viveram no interior, após acumular dinheiro suficiente, mudaram-se para a capital a fim de viver entre os compatriotas e participar da vida social e cultural da colônia que aí se constituiu.

O terceiro período migratório se estendeu de 1919 a 1938. Muitos que chegaram nesta época contavam com parentes e amigos no Brasil. O perfil do imigrante árabe tomou mais um passo rumo à fixação. Muitos começaram a casar com mulheres fora da comunidade e o retorno à pátria parecia cada vez mais afastado. Por um lado, muitos imigrantes ricos começaram a investir o seu capital em indústrias leves para fabricar os mesmos produtos que eles vendiam. Era talvez difícil para eles abrir mão do seu êxito econômico e voltar à terra de origem que estava em plena luta de libertação, desta vez, da colonização franco-britânica. Por outro lado, os imigrantes acharam-se perante uma nova realidade em todos os sentidos. O crescimento de seus filhos, o envolvimento na vida econômica e política brasileira e as novas atitudes sociais que eles assumiram tornaram a fixação irreversível (Safady, 1949a: 49).

A eclosão da Segunda Guerra Mundial marca o final da primeira etapa migratória. A grande maioria dos imigrantes que chegaram nesta época era de árabes cristãos maronitas e ortodoxos. Em São Paulo eles se instalaram inicialmente nos bairros da Sé, Vila Mariana, Bela Vista, e Liberdade (Knowlton, 1951: 104). Hoje é difícil distinguir os descendentes desses imigrantes dos demais brasileiros, pois eles estão enraizados na sociedade brasileira embora guardem os nomes de família e, às

vezes, o prenome árabe. Eles se consideram brasileiros árabes, não falam o árabe e não mantêm nenhum contato com os países de origem.

Os principais eventos políticos que marcaram a terra de origem dos imigrantes no final da Segunda Guerra Mundial são a independência da Síria e do Líbano e a implantação de Israel na Palestina (Hajjar, 1985: 118-125). Historicamente, o Líbano fora sempre uma parte integrante da Síria. O seu aparecimento como uma entidade política independente, com o apoio da França, não agradou a alguns grupos étnicos, que se sentiram marginalizados. A população muçulmana não se conformou com a nova realidade que centralizou o poder efetivo na mão da minoria cristã⁴. O auge das hostilidades entre as diversas facções libaneses se manifestou na Guerra Civil (1975-1990). Durante este tempo, milhares de pessoas abandonaram sua terra, onde a voz dos morteiros era mais alta que a voz da razão, e buscaram refúgio no Brasil.

A criação do Estado de Israel na Palestina em 1948 e as guerras subsequentes com os árabes em 1967, 1973 e 1982 provocaram a maior diáspora humana dos últimos anos. Mais de 3 milhões de palestinos foram arrancados da sua terra e obrigados a abandonar seus lares. Atualmente, a grande maioria deles vivem em campos de refugiados na Jordânia, Síria e Líbano. Muitos se espalharam em todos os cantos do mundo. Estima-se que o Brasil abriga cerca de 50 mil palestinos que vieram ao longo desses anos⁵.

⁴ No Líbano os cargos políticos e administrativos são atribuídos segundo critérios religiosos. O presidente deve ser cristão maronita, o primeiro ministro muçulmano sunita, o presidente da Assembleia Legislativa muçulmano xiita e assim por diante (Hajjar, 1985: 119).

⁵ Este número foi fornecido pelo presidente das entidades palestinas no Brasil.

Ao contrário da primeira etapa imigratória, a segunda etapa, que teve início após a Segunda Guerra Mundial, é predominantemente islâmica. A maioria dos imigrantes desta etapa mantém forte ligação com a terra de origem. Eles se identificam com a causa árabe, como a questão palestina, e a consideram sua causa principal. Alguns dos seus descendentes falam o árabe e se consideram brasileiros e árabes ao mesmo tempo. Na cidade de São Paulo alguns se instalaram nos lugares próximos do centro como Brás e Pari, ou bairros periféricos como Santo Amaro e São Miguel Paulista, enquanto outros optaram pelas cidades vizinhas que fazem parte da Grande São Paulo como Guarulhos, São Bernardo do Campo e Santo André (Hajjar, 1985: 121).

Embora a imigração seja regulamentada pelas leis brasileiras, nos dias atuais, muitos árabes entram no país como turistas e, posteriormente, regularizam o seu *status*. Estimulados pelo espírito de aventura e pelas dificuldades econômicas em seus países, muitos sonham em seguir os mesmos passos de seus patrícios e reviver a experiência deles para fazer fortuna no Brasil.

1.3 A Atuação dos primeiros Imigrantes : A Figura do Mascate

A grande maioria dos imigrantes árabes veio de lugares rurais onde a agricultura fora seu modo tradicional de vida durante muito tempo. No Brasil, porém, eles evitaram a lavoura e mostraram preferência pela vida urbana e atividades comerciais. Por um lado, eles afeiçãoaram-se à mascateagem pois esta atividade não requeria treinamento especial ou fixação permanente. O fato de que, nesse primeiro momento, os imigrantes árabes pensavam em retornar aos seus países de origem fez com que o mascateagem se mostrasse atraente para eles.

Por outro lado, a agricultura nos países de origem era um projeto que envolvia a família inteira, incluindo os avôs e os netos, enquanto no Brasil esses imigrantes eram solteiros ou recém-casados. O sistema agrícola brasileiro voltado para produtos como café, açúcar e algodão era também estranho aos

árabes que cultivavam cereais, árvores frutíferas, oliveiras e vinhedos (Berger, 1959: 354, Hajjar, 1985: 144).

Quase todos os imigrantes árabes chegaram ao Brasil sem ou com pouco capital e tiveram de partir do zero em todos os níveis. Como a mascateagem era muito lucrativa e não requeria capital, eles dedicaram-se a tal ocupação. Os mascates árabes, sozinhos ou em grupos de dois ou três para ter companhia e proteção mútua, penetraram no interior do país carregando grandes quantidades de mercadoria para vender (Knowlton, 1951: 138 e Safady, 1949^a: 27).

O mascate árabe era o meio de ligação entre a metrópole e o interior. Das grandes capitais brasileiras, ele partia com coragem, determinação e tolerância, para as fazendas e os sertões mais distantes. O mascate sobrecarregava suas malas com produtos facilmente transportáveis e de grande procura pela população rural. Ele era o homem esperado pelos moradores de povoados para a compra de vestido, sapato, perfume, etc. O mascate se tornou um tipo social marcante da vida brasileira. Alguns escritores brasileiros, a exemplo de Jorge Amado, descreveram este papel desempenhado pelo mascate criando a partir dele personagens em suas obras (Zeghidour, 1982: 55 e Hajjar, 1985: 145).

O mascate não estabelecia preço fixo para suas mercadorias; vendia pelo que achava que o mercado podia pagar e faturava muito dinheiro. Quando o freguês não tinha como pagar em dinheiro, o mascate aceitava em troca ouro, café ou qualquer outro produto. E para não voltar com mãos vazias, o mascate vendia também a prazo contribuindo para a implantação do crédito. Foi desta maneira que a expressão "turco de prestações" entrou na linguagem dos brasileiros.

Os lugares que reúnem grande número de pessoas como paradas de ônibus, esquinas e parques eram os mais preferidos pelo mascate árabe. Ali ele abria suas malas e mostrava suas mercadorias. O mascate vendia também nos arredores da cidade exibindo sua mercadoria de casa em casa. Muitos adotaram nomes brasileiros para facilitar sua atividade no Brasil. Com o passar do tempo, os moradores

começavam a reconhecer o mascate que passava freqüentemente pelas suas casas dando-lhe preferência e aguardando a sua vinda (Knowlton, 1951: 118).

De fato, o mascateagem levou os imigrantes árabes a se instalarem em todos os lugares do país e foi um dos principais fatores da sua aproximação com os brasileiros. Os árabes trabalharam como mascates apenas no seu primeiro período de imigração. Os lucros permitiram que centenas deles abandonassem o mascateagem para abrir lojas. Atualmente, muitos desempenham papéis-chave no progresso do comércio. Em alguns centros urbanos, o comércio a varejo está praticamente em suas mãos.

1.4 Panorama Atual

Como já mencionamos, ao chegar ao Brasil os imigrantes árabes dedicaram-se, em sua quase totalidade, ao comércio e isso se tornou a característica mais forte do grupo. Tal atuação fez com que a população brasileira estabelecesse uma identificação entre o fato de ser árabes e o trabalho no comércio. De mascates muitos imigrantes árabes montaram lojas de varejo e atacado e, posteriormente, criaram fábricas e indústrias poderosas. Muitos dos descendentes árabes seguiram a atividade comercial dos pais, mas outros optaram pelas profissões liberais tais como médicos, engenheiros, advogados, etc.

Apesar de existirem diferenças culturais entre os árabes e os brasileiros, como a de língua, religião e costumes, a coexistência dos imigrantes árabes com a cultura brasileira não foi difícil. A rápida integração dos imigrantes árabes na sociedade brasileira deve-se, em parte, à semelhança entre árabes e brasileiros em geral.

Muitas famílias árabes conseguiram instrumentalizar seus filhos para enfrentar a vida em seu novo país. Fortificados por recursos econômico-financeiros e preparados social e intelectualmente muitos brasileiros árabes atingiram a elite da comunidade brasileira chegando a posições de destaque nas altas e médias camadas sociais. A maioria dos descendentes árabes, porém, fica na camada média.

Um sinal importante da integração dos descendentes de árabes na sociedade brasileira pode ser vista pela sua participação marcante na política nacional. Muitos chegaram a ocupar cargos políticos importantes como governadores, ministros, prefeitos, etc. Sua presença no Congresso Nacional é também marcante. Segundo *O Estado de São Paulo* (11 de janeiro de 1995) cerca de 10% dos representantes no Congresso Nacional são descendentes de árabes. Nada mal para uma comunidade que não chega a somar 5% da população.

A convivência entre árabes e brasileiros trouxe benefícios para ambos. Um dos aspectos que marcou a presença árabe na cultura brasileira é a arte culinária. Os árabes influenciaram os hábitos alimentares dos brasileiros principalmente com os famosos quibes e esfihas vendidos em todo lugar.

Embora os imigrantes árabes e seus descendentes mantenham instituições comunitárias que os ligam com a cultura de origem, tais como clubes, igrejas, mesquitas, etc; e mesmo que eles conservem aspectos culturais intrínsecos árabes, se mostram bem integrados à sociedade brasileira contribuindo para o desenvolvimento social, econômico e político do seu novo país.

CAPÍTULO II A VITALIDADE ETNOLINGÜÍSTICA DA COMUNIDADE ÁRABE EM SÃO PAULO

Quando há duas línguas em contato em uma determinada sociedade, as relações de poder entre os grupos etnolingüísticos afetam a posição de tais línguas. Os membros de grupo minoritário geralmente aprendem a língua majoritária por motivos sócioeconômicos. Esse processo resultará, evidentemente, em bilingüismo.

A mudança da língua é um processo intergeracional (Fasold, 1984: 216). É muito raro os membros de uma certa comunidade abandonarem subitamente o uso da língua étnica durante o curso de sua vida. A comunidade que originalmente fora monolíngüe torna-se transicionalmente bilingüe, rumo à extinção eventual da sua língua original. Bilingüismo é, pois, um pré-requisito para a mudança lingüística. É difícil imaginar um grupo lingüístico adotando uma nova língua sem primeiramente passar por uma fase de bilingüismo. Mas além de bilingüismo, outros fatores estão presentes geralmente.

Os fatores que promovem ou impedem a manutenção de uma língua qualquer foram discutidos em vários estudos, por exemplo, em Gaarder (1979), Fasold (1984), Grosjean (1982), Romaine (1989), Appel e Mysken (1988), entre outros. Giles, Bourhis e Tylor (1977) construíram um modelo para sistematizar todos os fatores que juntos permitem a sobrevivência de uma comunidade etnolingüística separada como um grupo viável. Em outros termos, eles desenvolveram tal modelo para estudar a questão da manutenção e mudança de língua em uma determinada comunidade.

Giles *et al* (1977), propõem uma combinação de três fatores principais (*status*, apoio institucional e concentração demográfica) em um único fator por eles chamado de "vitalidade etnolingüística". Os fatores de *status* incluem as variáveis que refletem o poder político e econômico do

grupo, seu *status* social e o *status* da sua língua étnica. Os fatores de apoio institucional referem-se ao grau de apoio de que a língua étnica goza nas várias instituições formais e informais da comunidade tal como na mídia e na educação. Os fatores demográficos referem-se à população total do grupo, sua concentração e distribuição territorial e o número de casamentos exogâmicos e endogâmicos.

De acordo com Giles *et al* (1977: 308), “...the vitality of an ethnolinguistic group is that which makes a group likely to behave as a distinctive and active collective entity in intergroup situations. From this, it is argued that ethnolinguistic minorities that have little or no group vitality would eventually cease to exist as distinctive group. Conversely, the more vitality a linguistic group has, the more likely it will survive and thrive as a collective entity in an intergroup context”.

Giles *et al* (1977), levantaram a hipótese de que cada um dos três fatores acima mencionados afetaria de maneira positiva ou negativa a vitalidade de um grupo etnolinguístico. Os referidos autores sugeriram que, analisando as situações dos grupos etnolinguísticos em relação aos fatores da vitalidade, é possível classificar os grupos como possuindo vitalidade alta, média ou baixa. Eles argumentam que as minorias etnolinguísticas sem ou com pouca vitalidade cessariam eventualmente de existir como grupos distintos. Ao contrário, quanto mais um grupo etnolinguístico tem vitalidade, mais provável é a sua sobrevivência como uma entidade distinta. Com respeito à língua minoritária, isso implica que a alta vitalidade do grupo resultará na manutenção da sua língua e a baixa vitalidade resultará na mudança rumo à língua da maioria.

Neste capítulo, seguimos o modelo desenvolvido por Giles *et al* (1977) para avaliar a vitalidade etnolinguística da comunidade de origem árabe na cidade de São Paulo. Em outras palavras, aplicamos tal modelo para examinar os fatores que promovem a manutenção do árabe em São Paulo, apesar das constantes pressões para a mudança da filiação linguística da comunidade, e aqueles que acelerarão a mudança para o português.

2.1 Os Fatores de *Status*

2.1.1 O *Status* da Língua Árabe

O *status* da língua pode ser uma variável importante em comunidades bilíngües. Por exemplo, o inglês, o francês e o espanhol têm *status* alto como línguas de comunicação internacional (Appel e Mysken, 1988:34). Conseqüentemente, a manutenção de uma língua étnica na Dinamarca, por exemplo, será mais fácil do que nos Estados Unidos devido ao *status* mais alto do inglês comparado ao dinamarquês, em geral.

Embora o árabe seja falado pelos árabes, cerca de duzentos e cinquenta milhões de pessoas e por muitos muçulmanos não árabes, ele deve a sua importância principalmente ao fato de ser a língua do Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos. De acordo com a doutrina islâmica, o Alcorão não é considerado um livro de inspiração terrena, mas o registro das palavras exatas reveladas por Deus. É visto como um milagre e, por isso, deve ser preservado sem alterações.

Com a difusão da religião islâmica entre povos não árabes, surgiu a necessidade de traduzir o sentido do Alcorão, e não as palavras exatas, para que os demais muçulmanos pudessem entendê-lo. O texto original em árabe é geralmente oferecido junto com a tradução. Porém, considera-se que a tradução alcorânica para outro idioma qualquer não equivale ao texto original, tratando-se apenas de uma tradução interpretativa. Não tem validade, por conseguinte, recitar a tradução nas preces, nem nos outros cultos.

Todos os muçulmanos devem realizar seus cultos religiosos recitando o Alcorão em árabe. Assim, os muçulmanos no mais extremo oriente recitam e lêem o mesmo Alcorão que recitam e lêem os muçulmanos do mais extremo ocidente, ou melhor dizendo, todos os muçulmanos dos quatro cantos do mundo. Os muçulmanos árabes brasileiros em São Paulo devem também adquirir um mínimo de conhecimento em árabe para serem capazes de recitar os versículos alcorânicos nas cinco orações diárias

e nos demais cultos. Tal associação entre a língua árabe e a religião islâmica talvez contribua parcialmente para a resistência dos descendentes árabes à assimilação pela cultura brasileira hóspede.

Enquanto o *status* do árabe para os árabes muçulmanos se origina da sua forte ligação com a religião islâmica, para os árabes cristãos deriva-se da sua importância como a língua da cultura e tradição. A lealdade dos imigrantes cristãos em relação ao árabe se manifesta nas obras literárias produzidas no Brasil que se destinavam, em parte, a alimentar a nostalgia da terra natal. Sua inovação literária chamada nos meios acadêmicos árabes de "literatura da imigração" é obrigatória para os estudantes em muitas universidades árabes.

2.1.2 O *Status* Sócioeconômico dos Imigrantes Árabes⁶

O *status* sócioeconômico de um dado grupo é um fator proeminente em quase todos os estudos de manutenção e mudança da língua. Quando os falantes de uma língua minoritária têm um *status* sócioeconômico relativamente baixo, há uma forte tendência à mudança rumo à língua majoritária, geralmente associada ao sucesso econômico (Applel e Mysken, 1988:33).

Os imigrantes que desejam prosperar no seu novo ambiente valorizam também o conhecimento da língua dominante o que, por sua vez, afetará negativamente a sua própria língua. A ambição dos imigrantes árabes da primeira geração de serem bem sucedidos em São Paulo levou, em muitos casos, à substituição da sua língua étnica como o meio de comunicação no domínio doméstico.

Para esses imigrantes, o português é o meio mais importante de mobilidade social. Alguns falam somente o português com seus filhos, pois acreditam que essa seja a chave para o sucesso acadêmico e o progresso econômico. Eles encorajam, se não forçam, seus filhos a aprenderem somente o português

⁶ Os demais fatores de *status*, como o poder político do grupo minoritário, não se aplicam à comunidade árabe em São Paulo.

com a potencial consequência de que alguns se tornarão ignorantes da língua étnica do seu grupo. Um sintoma claro de perda iminente de uma língua ocorre quando os pais não mais vêem uma razão para transmiti-la a seus filhos, e talvez ainda a vêem como um obstáculo para a educação e o progresso deles.

A ampla ocorrência e o maior prestígio que o português goza em comparação com o árabe em São Paulo pode levar muitos descendentes de árabes a sacrificarem sua língua étnica em favor do português. Sendo a língua dominante e oficial do país, muitos benefícios estão ligados ao aprendizado do português, que é a língua da educação, trabalho, política, mídia e a sociedade em geral. Os brasileiros de origem árabe são, afinal, uma parte da sociedade brasileira e têm de participar das suas atividades cotidianas.

Dado que os imigrantes árabes da primeira geração deixaram seus países de origem voluntariamente em busca de condições mais satisfatórias na terra de imigração, e dado que o árabe não é avaliado em termos de prestígio e utilidade em São Paulo, é talvez possível entender porque eles não insistem em transmitir sua língua étnica aos seus filhos. Se seus propósitos são certamente aqueles de integração, a mudança da língua rumo ao português é um fator importante em tal processo.

O ato de imigração em si é tradicionalmente percebido como uma declaração de intenção por parte dos imigrantes de abandonarem sua herança cultural, ou ao menos parte dela, e de se adaptarem ao novo ambiente. Geralmente, presume-se que os imigrantes devem desistir da sua língua étnica, uma parte integral da cultura, a fim de se tornarem totalmente integrados à cultura hóspede (Li, 1982:109).

A importância do árabe como um veiculador da identidade étnica e religiosa dos brasileiros árabes e do português como um meio indispensável na ascensão social será tratada detalhadamente no quarto capítulo.

2.2 Os Fatores de Apoio Institucional

2.2.1 A Mídia

A imprensa árabe no Brasil surgiu com o objetivo de descrever o cotidiano do imigrante. O jornal árabe ganhou o papel de escola circulante, acompanhou o trabalho desempenhado pelo mascate lançando sementes de cultura. O jornal foi também o meio mais ativo que ligou o imigrante aos acontecimentos da sua terra de origem (Safady, 1973: 61).

O primeiro jornal árabe da cidade de São Paulo foi fundado em 1897. Recebeu o nome de "O Brasil", e foi editado na Rua 25 de março. A 30 de julho de 1914, havia 13 órgãos de imprensa árabe em circulação em São Paulo. Calcula-se que este número ultrapassa todas as publicações nos países de origem na época. Em 1941, atendendo a determinação governamental, os nomes e referências a países estrangeiros, assim como a utilização da língua estrangeira, foram proibidos em decorrência da Segunda Guerra Mundial, sendo suspensa toda e qualquer publicação e imprensa estrangeira no país. Porém, a revogação desta lei em 1945 marcou uma nova fase, com o aparecimento de novos veículos de comunicação árabes (Hajjar, 1985:70).

A mídia em geral desempenha um papel importante nos ambientes bilíngües e pode determinar a manutenção ou o declínio de uma certa língua. Em tais ambientes, havendo uma língua dominante, o acesso à mídia na língua minoritária é muito significativa para a sua manutenção. A mídia contribui para o reforço da língua, cultura e valores étnicos (Beardsmore e Beek, 1984).

Atualmente circulam em São Paulo quatro jornais árabes bilíngües. São eles: Alvorada, Akhbar Alwatan e Al Urubat (mensais) e o jornal semanal Makka. Este baixo número de publicações árabes pode refletir um alto grau de assimilação por parte da comunidade árabe em São Paulo. Estes jornais estão disponíveis através de assinaturas e também são distribuídos gratuitamente em grandes quantidades nas igrejas, mesquitas, centros culturais e outras entidades.

O jornal bilíngüe Al Urúbat foi publicado durante 64 anos sem interrupção. No período de proibição da imprensa estrangeira no país acima mencionado, o jornal continuou a circular usando somente a língua portuguesa. Desde o começo da sua fundação, o jornal tem apoiado a manutenção da língua e cultura árabes. Nos primeiros anos, ele foi uma ligação importante com a terra de origem para muitos imigrantes. Hoje Al Urúbat serve como meio para anunciar os eventos diários; é uma fonte de notícias sobre os árabes em São Paulo, pois é muito lido pelos membros da comunidade⁷.

Além de serem poucos, os jornais árabes em São Paulo sofrem declínio continuado de leitores que são basicamente os imigrantes da primeira geração. Há também falta de apoio financeiro, sem mencionar a rivalidade dos jornais locais facilmente acessíveis e lidos especialmente por imigrantes da segunda geração.

Um outro aspecto da mídia árabe em São Paulo é o programa "A Voz dos Árabes no Brasil", que é transmitido pela Rádio Imprensa pelos 102,5 MKZ (FM) todos os domingos, das 17 às 21 hs. Este programa oferece melodias árabes, como também recitação Alcorânica, além das notícias sobre o mundo árabe e a comunidade árabe local. Estima-se que o programa atinge uma parte considerável da comunidade. Enquanto a maioria dos ouvintes são membros da primeira geração, outros são descendentes de árabes nascidos no Brasil⁸. O programa oferece uma ligação com os países de origem e também torna disponíveis informações sobre o Brasil para satisfazer a necessidade dos imigrantes da primeira geração e, ao mesmo tempo, tentar atrair os membros das segunda e terceira gerações.

Sendo transmitido somente por quatro horas semanais, A Voz dos Árabes no Brasil mantém-se como algo especial que as pessoas aguardam ansiosamente. O programa oferece também um meio de

⁷ Dados tirados de uma entrevista com o editor do jornal citado.

⁸ Dados obtidos de uma entrevista com o apresentador do programa.

comunicação dentro da comunidade árabe. Uma porção considerável da transmissão é dedicada aos futuros eventos na comunidade, tais como festas e encontros. Finalmente, o rádio continua como a principal fonte das notícias da comunidade árabe, uma vez que os imigrantes da segunda geração são geralmente incapazes de ler os jornais árabes locais. Mesmo que nenhum esforço consciente tenha sido feito para a utilização da transmissão pelo rádio como um instrumento de manutenção cultural e lingüístico, o programa oferece, até certo ponto, apoio à língua árabe.

A televisão pode ser considerada como a influência moderna mais potente no comportamento geral, incluindo os modelos de fala. A comunidade árabe em São Paulo está exposta o dia todo ao português via televisão, o que deve ser considerado como um fator adicional a ser tratado em uma potencial mudança da língua. Por outro lado, o fato de que os imigrantes árabes possam assistir programas árabes através da Globo Sat e outros sistemas de televisão parece renovar o interesse na cultura e língua árabes, especialmente entre os membros da nova geração.

2.2.2 A Educação

O interesse na preservação da língua e da cultura árabe surgiu entre os imigrantes tão logo estes começaram a chegar no Brasil. Para atingir esse objetivo, implantaram-se cursos e até escolas de diferentes níveis. Inicialmente, coube principalmente aos cléricos cristãos, que vinham representar as suas igrejas e acompanhar os seus fiéis, a tarefa de estimular e de organizar tais cursos e escolas.

O sentimento de ligação com a terra de origem era a principal razão para fundar escolas étnicas. Entre as tentativas de preservação do ensino do árabe em São Paulo, cita-se o fato de que muitas das principais escolas da coletividade adotavam o árabe, paralelamente ao português, como língua de instrução.

A decisão de muitas famílias de se instalarem permanentemente em São Paulo, diminuiu o interesse pelo ensino do árabe, levando ao fechamento de várias dessas escolas. Além disso, com a proibição do governo de Getúlio Vargas em 1937 com relação ao uso de línguas estrangeiras nas escolas e na imprensa, as escolas que restavam foram desativadas.

Em um segundo momento, a partir de 1946, observou-se um novo interesse pelo ensino da língua árabe, estando o estímulo dessa vez relacionado aos religiosos da fé islâmica⁹. Alguns estados árabes, como Síria e Árabia Saudita, passam a colaborar financeiramente para a manutenção de cursos de língua árabe no Brasil. (Hajjar, 1985:63).

Atualmente funcionam em São Paulo algumas escolas árabes dirigidas pelas várias organizações sociais e religiosas em quase todas as localidades onde há imigrantes árabes. Embora haja grandes diferenças nas origens e objetivos destas escolas, todas mantêm em comum o fato de procurarem fornecer aos descendentes de árabes em São Paulo um sistema educacional ligado à cultura dos ancestrais.

Muitos brasileiros de origem árabe freqüentam aulas nas mesquitas e igrejas locais, onde eles aprendem ler e escrever o árabe, além de conhecerem melhor a religião e a história dos árabes. Porém, vale observar que essas escolas estão longe de serem satisfatórias. Por um lado, elas são mal equipadas, não há currículo bem preparado, o material usado nem sempre é adequado e a maioria dos professores em tais escolas não tem conhecimento e preparação razoável para ensinar o árabe.

Por outro lado, o árabe padrão ensinado em tais escolas não conta com apoio dos demais domínios antes e durante o processo de aprendizagem. Segundo Romaine (1988: 43), a relação entre os

⁹ Vale ressaltar que os árabes muçulmanos constituíram a maioria dos imigrantes do segundo movimento migratório.

dialetos e o padrão em determinadas comunidades pode ser um fator importante na mudança de língua. Cotidianamente, os imigrantes árabes usam os dialetos não padrões da sua língua. O árabe padrão é oferecido às crianças apenas nas escolas étnicas locais. Dado que o grau de diferença entre as variedades faladas no domínio doméstico e o padrão usado na escola é substancial, as crianças enfrentam dificuldades consideráveis. Elas se encontram perante duas línguas completamente diferentes. Este fato pode levá-las a aderir somente ao português para evitar tal confusão.

2.3 Os Fatores de Concentração Demográfica

2.3.1 Os Fatores Demográficos

Esses fatores se relacionam ao número dos membros de uma minoria lingüística e sua distribuição geográfica. O número absoluto dos falantes de uma certa língua torna-se importante quando ela decresce. Tal decréscimo implica a diminuição da utilidade da língua em questão, o que, por sua vez, dará origem à mudança rumo à língua majoritária (Appel e Mysken, 1988:35). Geralmente, a distribuição geográfica dos membros de um grupo minoritário afeta consideravelmente a manutenção e a mudança da sua língua. Quando vivem concentrados em uma certa área, os grupos minoritários têm maiores chances de manter suas línguas.

Um grupo minoritário está sempre em uma boa posição, por meio de força numérica, para se fazer proeminente e para se mobilizar em apoio a sua língua (Romaine, 1988: 40). Os imigrantes árabes em São Paulo são suficientemente numerosos para serem considerados como um grupo grande. Mas eles não estão concentrados em áreas precisas, como é o caso de muitas minorias em várias regiões do mundo. Seu modelo geral de estabelecimento foi o de difusão das famílias nas áreas metropolitanas de São Paulo (Mahairi, 1992:19). Dos 72 informantes que constituíram a amostra deste estudo, somente 19 têm vizinhos árabes que moram relativamente próximos. Este modelo de estabelecimento não pode ser

comparado, por exemplo, com certas comunidades ao redor de mundo onde os imigrantes vivem em um ambiente próprio e mantêm os modelos de comportamento étnico, assim como a língua no cotidiano.

Há uma relação entre o nível da concentração e a mudança da língua. Uma explicação que pode ser proposta para esta correlação é de que a concentração demográfica condiciona o grau em que os membros da comunidade podem criar um ambiente próprio. Em localidades onde os imigrantes são somente uma minoria fraca eles só podem criar um ambiente próprio em um grau mínimo. Por isso, sua língua terá uma classificação baixa nas escalas de *status* e utilidade, e talvez não se considere que valha a pena transmiti-la (Mougéon e Beniak, 1994: 114).

A geografia de uma área exerce influência na manutenção e na mudança da língua. As pessoas que vivem em centros urbanos, industriais ou comerciais estão mais propensas que outras a mudarem para a língua da maioria. Indivíduos que vivem em regiões geográficas isoladas ou em zonas rurais têm maiores chances de manter uma língua minoritária, devido à ausência de pressões sociais cotidianas no sentido de usar a língua mais prestigiada (Fasold, 1984:241; Romaine, 1988:40). É particularmente nas áreas urbanas que se dão pressões sociais fortes para mudar em direção à língua dominante. Não se necessita dela somente para interagir socialmente nos centros urbanos, fora de casa e da comunidade étnica, mas tudo indica que o sucesso sócioeconômico está relacionado ao domínio da língua majoritária. O fato de os imigrantes árabes e seus descendentes viverem em um grande centro urbano como a cidade de São Paulo os forçará a conviver com instituições oficiais, culturais e educacionais brasileiras e usar diariamente a língua da maioria. Este uso pode enfraquecer gradualmente a posição do árabe e promover a mudança para o português.

Além de sua dispersão demográfica e modelos urbanos de estabelecimento, há também a heterogeneidade dos membros da comunidade árabe. Muitos estudiosos do assunto acreditam que a homogeneidade do grupo linguístico minoritário em uma certa área é uma força vital na manutenção da

língua. Por exemplo, o primeiro fator na lista de Gaarder (1979: 421) sobre os fatores sócio culturais que podem determinar se a mudança ocorrerá é o tamanho e a homogeneidade do grupo, considerados provedores de resistência forte contra a mudança. Os imigrantes árabes são heterogêneos no que diz respeito a seus países de origem e suas religiões. Os acontecimentos nos países de onde vieram os árabes podem afetar positivamente ou negativamente a relação entre os imigrantes dentro da própria comunidade. Por exemplo, o conflito entre Iraque e Irã nos anos 80 afetou consideravelmente a relação entre os muçulmanos sunitas e os muçulmanos xiitas e também a Guerra Civil Libanesa, que durou 15 anos, aumentou a divergência entre os árabes cristãos e os árabes muçulmanos. Ainda que os imigrantes árabes mantenham um nível mínimo de coordenação, tais diferenças dispersam seus esforços e enfraquecem a unidade da sua comunidade em geral.

2.3.2. Os Casamentos Endogâmicos e Exogâmicos

Casamento é um fator importante que pode ser instrumento de manutenção ou meio de mudança. Para observar como as crianças brasileiras de origem árabe chegam a adquirir suas línguas em um ambiente bilíngüe árabe-português, foram realizadas entrevistas com doze famílias, metade das quais representam casamentos endogâmicos, ou seja, dentro do grupo étnico árabe, enquanto que as outras seis famílias representam os casamentos exogâmicos, ou seja, um dos cônjuges não é do grupo étnico em questão.

Em geral, as crianças podem-se tornar bilíngües quando seus pais planejam cria-las assim. Os pais podem utilizar várias estratégias a fim de transmitir suas línguas aos seus filhos¹⁰. A estratégia de reservar a língua minoritária ao domínio doméstico é uma das mais utilizadas para tal finalidade.

¹⁰ Sobre tais estratégias veja Grosjean (1982: 172-174).

Para verificar a existência de bilingüismo estável na comunidade de origem árabe em São Paulo, os referidos informantes foram questionados sobre a(s) língua(s) que utilizam no domínio doméstico. A maioria dos informantes, 8, usa somente o português enquanto os demais informantes usam o árabe ainda com uma tendência de mudar freqüentemente para o português. Este uso simultâneo de ambas as línguas no domínio doméstico, domínio geralmente crucial para nutrir a língua étnica, é uma ameaça contra a manutenção do árabe e mostra que a mudança de língua é documentada até entre os membros da primeira geração.

Mesmo quando têm um conhecimento passivo do árabe, as crianças geralmente usam o português com seus pais. Alguns pais mencionaram o potencial embaraço sentido por seus filhos por falta de auto-confiança. Eles evitam falar o árabe com receio de cometerem erros devido ao seu repertório lingüístico limitado nesta língua. Porém, a maioria dos pais respondeu que seus filhos compreendem o árabe usado nas conversas do dia-a-dia sobre comida, roupa, etc.

A maioria das crianças brasileiras de origem árabe entra em contato direto com o português no primeiro ano da escola, embora elas sejam continuamente expostas a ele muito mais cedo. Mesmo quando os pais não usam o português com seus filhos, a língua invade o domínio doméstico. O português é também usado por amigos e conhecidos dos pais, irmãos mais velhos e seus amigos, vizinhos, sem mencionar a televisão. Esta exposição contínua das crianças à mídia e ao sistema educacional brasileiro e seus numerosos contatos com outras crianças brasileiras favorece o português.

Os informantes se mostraram divididos quando questionados a respeito de suas tentativas de ensinar o árabe aos seus filhos. Em geral, as maneiras que eles utilizaram para alcançar tal objetivo foram: (a) matriculá-los em cursos árabes formais oferecidos nos finais de semana nas mesquitas e igrejas locais, (b) visitar outras famílias árabes a fim de criar um ambiente árabe para seus filhos e (c) usar o árabe freqüentemente com os mesmos.

A porcentagem dos falantes de uma língua minoritária pode ser fortemente influenciada pela ocorrência de casamentos mistos ou inter-étnicos (Romaine, 1988: 41; Appel e Mysken, 1988: 35). Em tais casamentos, a língua majoritária geralmente tem a melhor chance de sobreviver como a língua da casa. As mães brasileiras nos casamentos mistos têm uma oportunidade melhor de passar o português para seus filhos do que os pais cuja língua nativa é o árabe. Nesses casamentos, as crianças aprendem o português como sua primeira língua, porque a mãe é sempre o primeiro e, nesse campo, o mais importante modelo para a criança.

A alta proporção dos casamentos mistos entre os imigrantes árabes em São Paulo pode ser responsável pela rápida assimilação e subsequente perda da sua língua étnica. Dos 72 informantes que constituíram a amostra deste estudo 22 têm mães brasileiras. Em geral, os homens árabes são mais exogâmicos do que as mulheres árabes. Os imigrantes árabes têm o mais alto índice de proporção dos sexos de todas as nacionalidades analisadas no trabalho de Knowlton (1951: 51), mais de dois terços são homens. Os árabes apresentam ainda o maior número de adultos solteiros. Isso parece indicar que muitos deles deveriam casar-se fora da sua comunidade o que, por sua vez, afeta negativamente a manutenção da língua étnica.

Nos casamentos mistos, a mulher introduz seu marido em um círculo diferente de parentes e amigos, no qual o português será a única língua de comunicação. Por isso, é o marido falante nativo do árabe que adota o português como sua principal língua de comunicação no domínio doméstico. As crianças dos casais mistos que adotam o português como a língua do domínio doméstico não aprenderão o árabe. É evidente que os casamentos mistos têm um impacto negativo quase total na transmissão do árabe. Todavia, o papel da exogamia linguística na mudança para o português é de pouca importância. Não devemos esquecer o fato de que a mudança também ocorre nos casamentos endogâmicos.

De acordo com Grosjean (1982: 188), um dos motivos principais para que uma criança bilíngüe mostre predominância em uma das suas duas línguas é a exposição a uma língua mais do que à outra. Este motivo está presente no caso das crianças árabes em São Paulo e favorece sua predominância em português. A exposição dessas crianças ao português, seja através das suas mães, em casamentos mistos, seja pelo ambiente circundante, supera seus contatos com o árabe.

2.3.3 Uma Observação Relevante: Os Modelos de Imigração

Além dos principais fatores citados por Giles *et al* (1977), discutimos também os modelos de imigração da comunidade árabe em São Paulo como um variável importante na análise da manutenção e mudança de língua.

Os modelos de imigração de uma minoria desempenham um papel significativo na determinação da possibilidade de um grupo manter sua língua por um longo tempo, ou mudar rapidamente para a língua da maioria. Quando o grupo começou a imigrar? Está ainda imigrando? Sua imigração é considerada permanente?

Um grupo que chegou em um determinado lugar há muito tempo e que não está se renovando através de recém-chegados do país de origem está mais propenso a mudar para a língua do novo país do que um grupo imigratório recente que está sendo reforçado por novos falantes monolíngües (Grosjean, 1982:108). A comunidade árabe de São Paulo tem se renovado por novos imigrantes que se juntam às comunidades já existentes. Muitos chegaram em decorrência de uniões familiares, seja para se juntar a um membro da família, seja para casar com um parente. Estes recém-chegados têm, até certo ponto, promovido a renovação linguística entre os membros da antiga comunidade árabe.

Além disso, um grupo que acredita que vai ficar na terra de imigração somente por pouco tempo tem uma tendência de manter sua língua e cultura e de garantir que as crianças sejam capazes de ler e escrever na língua étnica (Grosjean, 1982: 108). Alguns imigrantes árabes não esperam viver

permanentemente no Brasil, pretendendo voltar um dia para sua terra natal. Esse é geralmente o caso dos que imigraram por razões econômicas na esperança de melhoria rápida de vida. Todavia, muitos árabes parecem hesitantes quanto ao seu estabelecimento na terra de imigração. Questionados se seus pais pretendem ou pretendiam morar no Brasil para sempre ou voltar um dia para sua terra de origem, 32 informantes de um total de 72 responderam que seus pais pretendiam ficar no Brasil para sempre. O alto grau de naturalização confirma essa tendência: quase todos os imigrantes árabes da primeira geração já são naturalizados, embora muitos ainda sonhem em voltar para a terra natal!

Alguns imigrantes árabes, por razões de integração, em certos casos adotam o português como veículo regular de comunicação. Esse é o caso de muitos imigrantes árabes cristãos da primeira geração que fugiram da perseguição política quando os países árabes estavam ainda sob domínio turco. Tais imigrantes desejam interagir com os brasileiros e compartilhar sua cultura¹¹. Eles assumem o português, que se torna um símbolo de sua nova identidade, e abandonam o árabe, tornando-se este algo do passado. Além disso, como antigamente o "turco" era associado, no ocidente, ao barbarismo (Mahairi, 1992:17), muitos imigrantes árabes trocaram seus nomes e abandonaram sua língua étnica para afastar preconceitos. Eles se dissociaram das conotações estigmatizadas da identidade turca que a língua árabe simbolizava.

A natureza e o grau de laços com o país de origem das minorias imigrantes pode afetar a manutenção da língua (Romaine, 1988:42). Uma parte da tenacidade do bilingüismo dos descendentes árabes em São Paulo pode ser atribuída à intensidade dos contatos com os países de origem, que lhes possibilita renovar seus laços lingüísticos e culturais. Entre os 72 informantes que constituíram a

¹¹ Muitos árabes cristãos relataram a amarga experiência dos seus avós e pais com os turcos e que eles imigraram ao Brasil a procura de um novo lar.

amostra deste estudo, 43 visitaram os países de onde vieram seus pais ao menos uma vez. A frequência de tais visitas, aparentemente, promove não somente a etnia árabe mas também a fluência na língua dos ancestrais.

É importante aqui salientar que nenhum fator isolado, dos acima citados, pode determinar inteiramente o destino do árabe como uma língua minoritária em São Paulo, mas que todos eles interagem de modo complexo levando à manutenção do árabe ou à mudança para o português. Por exemplo, o apoio financeiro que os imigrantes recebem de alguns países árabes pode contribuir indiretamente na manutenção do árabe, pois é utilizado na construção de mesquitas que, por sua vez, além de serem um domínio favorável ao árabe, geralmente oferecem aulas da língua em questão.

Os imigrantes árabes em São Paulo foram bem sucedidos no estabelecimento de uma variedade grande de instituições sociais, culturais e econômicas, tais como clubes, escolas, mesquitas, igrejas, hospitais, centros culturais, etc. Parece que há interesse suficiente entre os membros da segunda geração em participar das atividades sócio culturais árabes que servem como uma afirmação da singularidade lingüística e cultural árabe.

Porém, os esforços para manter o árabe na longa história da comunidade foram sempre esporádicos e espontâneos. No decorrer da minha investigação, não encontrei nenhuma evidência de qualquer programa bem organizado no nível da comunidade para a manutenção da língua étnica.

De acordo com o modelo de Giles *et al* (1977) traçado na introdução deste capítulo, a comunidade árabe em São Paulo tem uma vitalidade etnolingüística relativamente baixa e, conseqüentemente, sua continuidade como um grupo distintivo é questionável. O destino da língua

árabe na referida cidade dependerá, entre outros fatores, da estrutura social da comunidade e da existência de instituições que contribuem para a manutenção da mesma.

Por um lado, as estruturas sociais da comunidade árabe em São Paulo são caracterizadas por uma alta taxa de casamentos exogâmicos, redes sociais que ficam largamente fora da comunidade devido à dispersão demográfica e por uma tendência predominante dos brasileiros árabes cristãos de integrarem-se facilmente à sociedade brasileira. Todas estas características são desfavoráveis à manutenção do árabe.

Por outro lado, as características acima mencionadas não contam com o apoio das instituições existentes. A escola étnica tem um papel insignificante e sua influência na comunidade em geral é muito limitada. A mídia dirige-se principalmente aos membros da primeira geração e seu efeito nos membros da segunda geração é muito limitado. A influência dos recém-chegados na manutenção da língua étnica é também limitada devido à imensa extensão da cidade de São Paulo e à dispersão demográfica dos membros da comunidade árabe.

Os dois únicos fatores que parecem contribuir para a manutenção da língua árabe são o *status* da mesma como a língua do Islã e os casamentos endogâmicos. No entanto, não se pode contar com tais fatores no sentido de manter o árabe em São Paulo. O *status* do árabe se restringe somente ao nível religioso e não se estende aos demais aspectos cotidianos da comunicação. Ainda que os casamentos endogâmicos contribuam relativamente para a manutenção do árabe seu efeito é muito limitado devido a ausência de demarcação clara entre o uso do árabe e do português no domínio doméstico. Dentro deste contexto, o futuro da língua árabe em São Paulo parece sombrio.

CAPÍTULO III O PROCESSO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA DO ÁRABE PARA O PORTUGUÊS

Embora os fatores considerados no segundo capítulo favoreçam a mudança para o português, conhecê-los não garante entendimento preciso de tal processo. Dado que as pessoas efetuam a mudança na sua fala cotidiana, as explicações para tal mudança devem ser procuradas neste nível (Appell e Mysken, 1988: 32).

Nas seções seguintes, descreveremos detalhadamente a situação linguística dos brasileiros de origem árabe da segunda geração em São Paulo. Começaremos por avaliar a existência e o grau do bilingüismo árabe-português dos informantes, em seguida, examinaremos os padrões de uso linguístico em vários domínios a fim de ilustrar a questão da manutenção e mudança de língua e, finalmente, focalizamos certos usos privados das línguas envolvidas. Em outros termos, o grau da manutenção do árabe ou a mudança para o português será avaliado de acordo com três fatores: habilidades linguísticas (falar, ler, escrever e compreender), domínios de uso linguístico e usos privados de língua.

3.1 As Características Sociais da Amostra

A amostra deste estudo foi constituída por setenta e dois informantes brasileiros de origem árabe da segunda geração em São Paulo, originários de famílias diferentes. Em geral, estes informantes foram selecionados em função da sua vontade de participar. Os dados foram coletados a partir de um questionário cuidadosamente planejado e pré-testado (veja anexo I). Um número pequeno de amigos formou o grupo piloto a quem o questionário foi primeiramente aplicado. A partir deste grupo inicial, foram feitos contatos com outras famílias que indicaram também mais informantes. Ao lado deste instrumento principal, foi utilizado o método de observação direta, isto é, de convivência e contato constante com os informantes como fonte complementar de informação e para verificar a validade dos

dados obtidos através dos questionários. Nesse sentido, conversas e comentários informais foram extremamente úteis para conhecer melhor o universo pesquisado.

Consideramos que a presente amostra é representativa porque se constituiu de informantes de todas as localidades onde há comunidades de origem árabe, tais como os bairros de São Miguel Paulista e Santo Amaro e as cidades vizinhas que fazem parte da Grande São Paulo, como Guarulhos e São Bernardo do Campo.

Na maioria dos casos, os informantes foram entrevistados em suas casas ou no seu local de trabalho. As entrevistas foram conduzidas informalmente, e ambas as línguas, o árabe e o português, foram utilizadas. Em alguns casos a escolha de língua da entrevista foi determinada pela facilidade do informante em uma das línguas envolvidas.

Como se pode ver no anexo, foram coletados informações sobre sexo, idade, religião, profissão e escolaridade de cada informante. Quanto ao sexo, a distribuição entre os sexos na amostra compreende 41 homens e 31 mulheres. A maioria dos informantes tem entre 20 - 35 anos de idade, com idade média de 33 anos para os homens e 26 anos para as mulheres. Uma variedade de profissões foi representada na amostra, mas a de comerciantes foi predominante. Em relação à religião, a amostra consta de 30 informantes cristãos e 42 muçulmanos. A maioria dos informantes não ultrapassa o segundo grau e somente 25 têm curso superior.

3.2 O Grau do Bilingüismo

Uma das maneiras freqüentemente usadas para avaliar o grau de bilingüismo é o exame das habilidades lingüísticas dos falantes na sua língua étnica em relação à língua dominante. Para avaliar a existência e o grau de bilingüismo entre os indivíduos da amostra optou-se pela verificação de quatro habilidades lingüísticas: falar, ler, escrever e compreender as línguas em questão- o árabe e o português.

Para tanto, pediu-se aos informantes que avaliassem suas habilidades lingüísticas em árabe e português de acordo com uma escala de quatro pontos. Por exemplo, a habilidade de escrever foi dividida em: (1) não escreve, (2) escreve pouco, (3) escreve razoavelmente e (4) escreve adequadamente.

Os resultados desta avaliação indicaram uma predominância do português sobre o árabe devido às influências lingüísticas e sociais circundantes. Neste sentido, cabe apontar que todos os informantes, tendo nascido no Brasil e frequentado escola brasileira, foram capazes de exibir habilidades de fala, compreensão, leitura e escrita em português. Tal fato pode ser interpretado como uma indicação de proficiência total em português.

Em relação ao árabe, os resultados mostraram que os brasileiros de origem árabe da segunda geração em São Paulo não apresentam proficiência na língua étnica. O árabe detém um papel secundário no repertório lingüístico dos informantes. A falta de uma parte da proficiência em árabe pode causar uma redução na funcionalidade desta língua, de modo que tal perda prepare o caminho para uma mudança para o português.

As habilidades de compreensão e fala são mantidas, na medida em que a primeira é detida por 64% dos informantes e a segunda por 57%. Isso já não acontece com as habilidades de leitura e escrita, uma vez que apenas 18% dos informantes as detêm. A maioria dos informantes fala uma variedade que os habilita a comunicar com seus pais, mas não se estende para uma competência plena em árabe. Eles

justificaram sua incapacidade de ler e escrever em árabe pela ausência de escolas árabes em São Paulo. A representação numérica dos informantes nas diversas habilidades linguísticas em árabe é vista na tabela seguinte:

	Nada	Pouco	Razoavelmente	Bem
Falar	10	21	27	14
Ler	40	19	10	3
Escrever	40	19	10	3
Compreender	5	21	25	21

Tabela 1 : Representação numérica dos informantes nas diversas habilidades linguísticas em árabe.

A proficiência dominante dos informantes em português e a falta de uma parte da proficiência em árabe podem indicar que a mudança para o português está em andamento.

Questionados se eles mudam para o árabe ao falar em português e para o português ao falar em árabe (code-switching), os dados apontaram que 28% dos informantes mudam do português para o árabe às vezes enquanto a maioria, 42%, muda raramente. Ao contrário, a maioria dos informantes, 53%, muda do árabe para o português às vezes e somente 17% muda raramente. Os outros 30% que não alternam as duas línguas são os informantes que não falam o árabe. O fato de que a mudança para o português é predominante parece indicar que os informantes bilíngües estão assumindo o português como sua língua dominante.

A mudança de código do português para o árabe não pode ser vista como resultado de uma inabilidade lingüística em português dado que todos os informantes são falantes nativos de português. A mudança do português para o árabe ocorre sempre associada à necessidade de expressar algo que deve ser dito em árabe como nomes de comida, expressões religiosas, insultos, etc. Mas, ao contrário disso, a mudança do árabe para o português expressa a inabilidade lingüística dos informantes em conduzir uma conversa continuada em árabe devido ao seu repertório lingüístico limitado. O refúgio no português pode ser considerado como uma manifestação de mudança rumo a esta língua.

O predomínio do português entre os informantes é reafirmado quando estes são questionados a respeito da língua que compreendem melhor e da existência de situações nas quais eles têm dificuldades com o árabe. Todos os informantes compreendem o português melhor do que o árabe e somente 11% compreendem ambas as línguas igualmente. Da mesma forma, a maioria absoluta dos informantes, 81%, enfrenta dificuldades para falar em árabe.

A língua materna é a primeira língua aprendida pela criança. Os dados apontaram que somente 30% dos informantes adquiriram o árabe como sua primeira língua. Isso significa que 40% dos informantes que têm mães árabes adquiriram primeiramente o português. Se é lógico assumir que a língua falada no domínio doméstico deve ser a língua das crianças, tal percentagem indica a falta de bilingüismo estável entre os imigrantes árabes, como veremos nas páginas seguintes.

É importante observar que 22% dos informantes que falam o árabe acham que eles o estão gradualmente esquecendo. Afinal, eles têm poucos domínios para usar o árabe e estão expostos o tempo todo ao português, devido ao contexto totalmente brasileiro da cidade de São Paulo.

3.3 Os Domínios de Uso Lingüístico Na Comunidade Árabe em São Paulo

A análise da relação entre os usos lingüísticos e os domínios sociais nos permite identificar os padrões de comportamento lingüístico de uma dada comunidade e possibilita compreender o processo de manutenção e/ou mudança de língua. A idéia de domínios, introduzida na lingüística por Weinreich (1951), foi desenvolvida e difundida por Fishman (1965). Romaine (1988: 29), define o domínio como "...sphere of activity representing a combination of specific times, settings and role relationships". Às vezes, os domínios são chamados de "instituições sociais", mas, quer usemos o termo instituições quer o termo domínios, podemos identificar entre cinco e sete categorias, tais como: trabalho, religião, família, etc.

As pessoas podem ter posições completamente diferentes em cada um dos domínios linguísticos e, conseqüentemente, sua escolha da língua pode diferir de um domínio para outro. As pessoas bilingües não usam necessariamente as duas línguas em todos os domínios. A escolha de uma língua em um dado domínio não é arbitrária mas é condicionada por certas normas de uso linguístico apropriado prevalente na sociedade.

Para determinar a relação entre o uso linguístico em diferentes domínios e a questão da manutenção e mudança de língua, examinamos aqui os padrões de uso linguístico da comunidade de origem árabe em São Paulo. Em outras palavras, para compreender os padrões de uso linguístico da referida comunidade retomamos a pergunta sociolingüística fundamental já colocada por Fishman (1965): (a) quem fala (b) que língua (c) a quem e (d) quando.

Para efeito deste trabalho selecionamos sete domínios que consideramos significativos na vida da comunidade estudada, a saber: o domínio doméstico, da religião, da educação, de trabalho, da amizade, de clubes e de vizinhança.

3.3.1 O Domínio Doméstico

O domínio doméstico é sempre crucial para estudar o uso linguístico em comunidades bilingües. É o principal domínio para preservar a língua minoritária e, provavelmente, o melhor indicador de qualquer tendência para a mudança da língua. Nas palavras de Fishman (1965: 20), multilingüismo sempre "...begins in the family and depends upon it for encouragement if not for protection. In other cases, multilingualism withdraws in to the family domain after it has been displaced from other domains in which it was previously encountered".

O uso de mais de uma língua no domínio doméstico sugere que a mudança da língua está ocorrendo através da introdução da língua majoritária como uma língua de interação entre os membros da família. Dado que as indicações da mudança de língua são vistas mais marcadamente no domínio

doméstico, oito perguntas do questionário abordaram a escolha da língua que cada falante faz quando interage com diferentes membros da sua família.

Perguntou-se aos informantes sobre a língua ou as línguas que eles usam ao falar com seus avós, pais, mães, tios, irmãos, cônjuges, filhos e sobrinhos. Segundo Fishman (1965: 21), esta abordagem "...not only recognizes that interacting members of a family (like the participants in most other domains of language behavior) are hearers as well as speakers (i.e, that there may be a distinction between multilingual comprehension and multilingual production), but it also recognizes that their language behavior may be not merely a matter of individual preference or facility but also a matter of role-relations".

Os resultados revelam que o uso de ambas as línguas no domínio doméstico é fortemente influenciado pela idade do interlocutor. Os informantes usam o árabe com seus avós mais do que com seus pais e com seus pais mais do que com seus irmãos. Esta redução do uso do árabe com interlocutores mais jovens indica, aparentemente, o início da mudança da língua.

Para uma melhor compreensão do processo de mudança do árabe para o português apresentamos abaixo os padrões atuais de uso lingüístico dos brasileiros árabes dentro do domínio doméstico. Os informantes que não falam a língua árabe e aqueles que cujo conhecimento da mesma não excede a poucas expressões foram excluídos da análise para evitar que os nossos resultados sejam deformados.

Interlocutor (es)	Português	Árabe	Ambas	Total
Avós	-	23	6	29
Pai	8	12	20	40
Mãe	4	18	18	40
Tios	6	10	15	31
Irmãos	25	3	12	40
Cônjuge	8	4	14	26
Filhos	14	2	4	20
Sobrinhos	22	-	9	31

Tabela 2 : Escolha da língua no domínio doméstico.

O fato de se usar o português com uma frequência maior ao se falar com interlocutores jovens do que com interlocutores velhos favorece a possibilidade de uma mudança para o português. Os resultados mostram claramente que os informantes usam o árabe mais do que o português com a geração mais velha, ou seja, seus avós, pais e tios. Ao contrário disso, eles usam o português mais do que o árabe com sua própria geração, ou seja, irmãos e cônjuges, e também com a geração mais nova, isto é, filhos e sobrinhos.

Considerando que a presença dos avós é sempre citada como um fator que favorece a manutenção da língua, pediu-se que os informantes especificassem a língua que eles usam com seus avós árabes residentes no Brasil. O árabe foi a língua mais usada entre os informantes e seus avós 79% , enquanto 21% optaram por ambas as línguas. A escolha de uma língua é determinada, às vezes, pela língua que os avós dominam melhor.

Ao falar com seus pais, os informantes ainda fazem uso substancial do árabe. Enquanto 20% dos informantes usam o português com seus pais, 30% usam o árabe e 50% usam ambas as línguas. Da mesma forma, apenas 10% dos informantes usam o português com suas mães árabes, enquanto 45% usam o árabe e outros 45% usam o árabe e o português.

O fato de os informantes usarem o árabe com maior frequência com suas mães do que com seus pais indica que os homens árabes da primeira geração dominam o português mais do que as mulheres

árabes por terem sempre tido maiores contatos com a sociedade brasileira. Conseqüentemente, as mulheres árabes são mais conservadoras em relação à manutenção da língua étnica. A opção de usar o árabe no domínio doméstico com os pais pode estar relacionada à pouca fluência destes em português.

A comunicação entre os informantes e seus tios árabes é semelhante à comunicação entre os informantes e seus pais. Enquanto a maioria dos informantes, 48%, usam ambas as línguas alternadamente com seus tios, somente 19% usam o português e 33% usam o árabe.

O uso do português com os pais dentro do domínio doméstico marca o começo do processo de mudança para o português e prepara o terreno para a perda do árabe. Os informantes que usam somente o português no domínio doméstico são aqueles que mostram uma mudança para o português. Ao contrário, os informantes que usam somente o árabe ou ambas as línguas mostram manutenção da língua étnica.

Se o uso do português no domínio doméstico é documentado até com membros da primeira geração, podemos inferir que a transmissão do árabe à segunda e terceira geração está seriamente prejudicada.

Enquanto o árabe é a língua principal dos informantes para guardarem o contato com a primeira geração, o português é a língua principal de comunicação ativa entre si. Os informantes usam o português quase sempre com a sua própria geração e com a geração seguinte.

A interação entre os informantes e seus irmãos se dá predominantemente em português. Enquanto 62% deles usam o português com seus irmãos, somente 8% usam o árabe e 30% usam ambas as línguas. A interação entre os informantes e seus cônjuges de ascendência árabe é também dominada pelo uso do português. Enquanto 31% dos informantes usam o português com seus cônjuges, somente 15% usam o árabe e a maioria, 54%, utiliza ambas as línguas.

Da mesma maneira, a comunicação entre os informantes e seus filhos e sobrinhos que representam a terceira geração é dominada pelo uso do português. A maioria dos informantes, 70%, usa o português com seus filhos. Ao contrário, somente 10% usam o árabe e 20% usam o árabe e o português. O mesmo tipo de comunicação é encontrada entre os informantes e seus sobrinhos. Enquanto 71% dos informantes optam pelo português com seus sobrinhos, 29% optam pelo árabe e pelo português.

Estes padrões de uso lingüístico entre os informantes e os membros da segunda e terceira geração indicam que uma mudança para o português está em andamento. A comunidade árabe em São Paulo falhou em manter o uso completo de sua língua no domínio doméstico. É uma outra indicação de que esta comunidade já relaxou suas fronteiras culturais.

Podemos confirmar, à luz dos padrões lingüísticos acima analisados, que a perda do árabe é inevitável na quarta geração, quando os filhos dos bilingües da terceira geração crescerem quase totalmente monolíngües em português. A respeito disso, Dorian (1981: 105), tem o seguinte comentário: "the home is the last bastion of a subordinate language in competition with a dominant official language of wider currency. An impending shift has in effect arrived, even though a fairly sizable number of speakers may be left, if those speakers have failed to transmit the language to their children, so that no replacement generation is available when the present generation dies away".

3.3.2 O Domínio da Religião

A religião é um fator importante nos processos de manutenção e mudança da língua (Appel e Mysken, 1988:37). As instituições religiosas árabes sempre promoveram atividades educacionais e culturais e constituíram-se em organização não-oficial para as atividades da comunidade.

A mesquita serve como um centro para diferentes grupos dentro da comunidade, isto é, sírios, libaneses e palestinos e tem uma influência notável na manutenção e até na propagação da língua árabe.

Através dos serviços religiosos e das aulas de árabe, a mesquita desempenha, tradicionalmente, um papel crucial nas tentativas de manter viva a língua árabe em São Paulo¹².

A igreja árabe desempenha também um papel significativo na manutenção da língua étnica. Para a maioria dos fiéis, o árabe é a única língua das orações salvo o fato de que algumas igrejas oferecem tradução portuguesa para os membros da segunda geração. As tradições cristãs continuam sendo um domínio importante para a manutenção do árabe em São Paulo. Os padres e pastores falantes nativos de árabe realizam as missas e conduzem batismos, casamentos e funerais na língua em questão. O papel adicional da igreja como um centro de amizade e ensino contribui também positivamente para a manutenção da língua étnica.

Atualmente, a cidade de São Paulo abriga sete mesquitas e quatro igrejas árabes.. Além das atividades religiosas que promovem, as mesquitas e igrejas têm um papel preponderante na divulgação da cultura árabe entre os imigrantes e seus descendentes. Elas também proporcionam à comunidade árabe espaço de uso de língua étnica; muitos imigrantes árabes da primeira geração comparecem às igrejas e mesquitas locais, acompanhados pelos seus filhos, e aí encontram outros membros da comunidade em um ambiente árabe.

Investigando a língua geralmente usada no domínio da igreja ou mesquita, vemos que 24% dos informantes usam somente o português, enquanto 31% deles usam somente o árabe e a maioria, 45%, usam ambas as línguas.

O uso da língua étnica no domínio da igreja / mesquita é uma indicação significativa para a manutenção do árabe, considerando que as línguas usadas nos sermões são provavelmente ligadas às

¹² As Igrejas e Mesquitas árabes locais geralmente oferecem cursos de árabe padrão e não ensinam os alunos as variedades não padronizadas da mesma.

necessidades lingüísticas e à preferência da congregação em geral. Quando a língua étnica não é mais usada nos serviços religiosos temos a indicação de que a mudança de língua foi realizada.

Segundo Fasold (1984: 241), se a religião é um dos aspectos em que o grupo minoritário contrasta com a sociedade hospedeira, a mudança da língua está quase completa quando as atividades religiosas são conduzidas na nova língua. A religião, então, continua como um fator que favorece a manutenção do árabe, procurando retardar a mudança para o português em São Paulo.

3.3.3 O Domínio da Educação

Um dos fatores principais de manutenção do bilingüismo na infância é a escola. A menos que o grupo minoritário lingüístico a quem a criança pertença tenha suas escolas ou sistema educacional próprio, o meio da instrução das crianças será a língua dominante (Grosjean, 1982:171, Romaine, 1988: 43).

Muitas minorias lingüísticas no mundo inteiro não têm o privilégio de aprender na língua étnica. A constituição brasileira deu às minorias lingüísticas brasileiras o direito de receber educação através de suas línguas. Os imigrantes árabes em geral, assim como outros grupos minoritários, estabeleceram cursos e escolas a fim de ensinar sua língua nativa aos seus descendentes. Porém, o papel que as escolas árabes desempenham na manutenção do árabe é pequeno. Em geral, tais escolas não são ligadas ao sistema escolar nacional e funcionam na igreja ou na mesquita local e são abertas somente aos sábados e domingos. O funcionamento dessas escolas é precário, sem material adequado de ensino e sem professores qualificados, além da pouca motivação por parte das crianças. Vale observar que o esforço das escolas árabes para manter a língua étnica entre as crianças também não encontra eco no nível da própria comunidade e particularmente entre as próprias crianças.

Questionados sobre a língua que eles usam/usaram com mais frequência na escola, 94% dos informantes escolheram somente o português. Ao contrário, somente 6% deles escolheram ambas as

línguas. Esses informantes são aqueles que frequentaram a escola brasileira e a escola árabe das mesquitas e igrejas locais. Os resultados demonstram claramente que a educação é o domínio exclusivo do português e que todos os informantes já receberam sua educação formal nesta língua. Como os informantes freqüentam/freqüentaram escolas brasileiras, onde não há espaço algum para o uso do árabe, o contexto escolar funciona como um mecanismo fundamental para a integração à sociedade brasileira. O português torna-se a primeira língua de comunicação dentro e fora da escola e é a base de aculturação nas normas e valores socioculturais do país.

Em situações de contato entre duas línguas, quando cada uma delas consegue domínios reservados de uso lingüístico, temos uma situação de bilingüismo estável. No caso da comunidade de origem árabe em São Paulo, uma parte considerável de mudança para o português ocorre quando os descendentes de árabes entram na escola pública e encontram pressões fortes, formais e informais, para se tornarem falantes de português. O português lentamente torna-se a língua dominante quando os descendentes de árabes passam mais tempo na escola e na comunidade da língua majoritária do que em um ambiente dominado pela língua étnica.

3.3.4 O Domínio do Trabalho

No domínio do trabalho dos brasileiros de origem árabe há o predomínio da língua portuguesa, o que constitui um fator totalmente negativo na promoção da língua étnica. Para a maioria dos informantes, 86%, o domínio do trabalho é exclusivo do português. Ao contrário, somente 14% usam ambas as línguas. Aparentemente, este é o caso dos comerciantes brasileiros de origem árabe que têm lojas vizinhas nos maiores centros comerciais a exemplo da Rua Oriente. Eles se visitam para conversar e trocar experiência em árabe.

Não podemos esquecer aqui que a imigração árabe para o Brasil deve-se, em parte, a razões sócioeconômicas. Ganhar a vida era um dos motivos principais para os imigrantes árabes. Muitos deles

passaram pessoalmente por dificuldades consideráveis nas instituições públicas brasileiras em consequência de suas habilidades pobres em português. Eles encorajaram, então, seus filhos a aprenderem e dominarem o português, mesmo que isso signifique usar essa língua no domínio doméstico em detrimento do árabe.

3.3.5 O Domínio da Amizade

A escolha da língua no domínio da amizade está relacionada à identidade dos participantes no ato da interação. Todas as vezes que falantes não árabes estão presentes, a língua usada é o português e quando somente falantes árabes estão presentes a conversação ocorre com alternância entre árabe e português.

Com referência à interação entre os informantes e seus amigos árabes, o português é ainda o código dominante usado, mas com a tendência de utilizar ambas as línguas. A maioria dos informantes usam as duas línguas, 52%, enquanto 38% usam o português e somente 11% usam o árabe. Tais resultados indicam que o domínio da amizade promove, até certo ponto, o uso do árabe.

3.3.6 O Domínio dos Clubes

Além do domínio doméstico, o estabelecimento de clubes é um fator importante na promoção da manutenção da língua étnica. Os imigrantes árabes fundaram em São Paulo, como também em outras grandes cidades brasileiras, alguns clubes sociais e esportivos, entre os quais encontram-se: Aleppo, Antioquina, Gaze, Haspani, Marjioun, Rachaia e Zahle.

Os clubes funcionam como lugar de encontro para os imigrantes e seus descendentes onde eles se reúnem para jogar cartas, conversar, ler e dançar. Atualmente, há em São Paulo mais de oito conjuntos folclóricos que, além da sua importância artística, reúnem os brasileiros de origem árabe em torno de um objetivo cultural. As danças folclóricas não são apenas um meio de alegria e entusiasmo

para os descendentes de árabes, mas também uma fonte de inspiração e de ligação com a terra de origem dos seus pais.

A língua dominante nos clubes é o português para 56% dos informantes, outros 37% utilizam ambas as línguas enquanto somente 7% usam apenas o árabe. Os cumprimentos e referências para os demais membros da comunidade ocorrem geralmente em uma alternância entre árabe e português, enquanto o português é usado para falar sobre assuntos tipicamente brasileiros tal como trabalho, esportes, etc. Outras atividades sociais, como jogar bilhar e cartas, ocorrem também nas duas línguas, se há somente participantes árabes, e em apenas português, se interlocutores brasileiros estão presentes.

Ao comemorar as celebrações familiares, como casamento, com grandes festividades nos clubes, muitos brasileiros de origem árabe passam algum tempo em um ambiente da língua árabe fora de casa e da mesquita. Os clubes fornecem também o ponto de contato para muitos dos laços sociais entre os membros da comunidade. A tradição de freqüentar os clubes para divertir-se e conversar contribuem para a manutenção do árabe no nível da comunidade.

3.3.7 O domínio da Vizinhança

No domínio da vizinhança, o português é também claramente dominante. Dado que os brasileiros de origem árabe moram em localidades onde a maioria dos habitantes só fala o português, 78% dos informantes escolheram o português como a língua usada no domínio da vizinhança. Ao contrário, somente 4% usam o árabe e 18% misturam ambas as línguas.

Se a família de origem árabe é cercada por uma comunidade muito grande e bem organizada, as crianças ficam expostas à língua minoritária dentro e fora do domínio doméstico. A vizinhança das famílias árabes em São Paulo não constitui uma força cultural forte para a manutenção do árabe. Em consequência disso, reduziu-se o uso do árabe, uma vez que é raramente falado e ouvido fora do espaço das casas.

A fim de facilitar a comparação entre o uso do árabe e do português, apresentamos abaixo os padrões de uso linguístico nos vários domínios.

Domínio	Português	Árabe	Ambas	Total
Religião	15	19	28	62
Educação	61	-	4	65
Trabalho	54	-	9	63
Amizade	27	8	36	71
Clubes	40	4	27	71
Vizinhança	56	3	13	72

Tabela 3 Escolha da língua nos vários domínios.

Como os resultados mostram, há uma tendência entre os descendentes de árabes de usarem o português com mais frequência do que o árabe. O número dos domínios em que o árabe é usado é relativamente pequeno. Além do domínio doméstico, a língua é usada quase igualmente com o português no domínio da religião. O árabe também é utilizado com o português nos domínios da amizade e nos clubes. Nos domínios de educação, trabalho e vizinhança, o português é a língua dominante. Estes três últimos domínios geralmente envolvem falantes não árabes e tendem a requerer o uso quase absoluto do português.

A configuração de dominância do uso da língua por um membro típico dos imigrantes árabes da segunda geração em São Paulo é mostrada na tabela seguinte. A língua que aparece no lado esquerdo é a que ocorre com mais frequência e a que aparece entre parênteses é a que ocorre marginalmente.

Domínio	A escolha típica da língua
Família	Árabe, Português
Religião	Árabe, Português
Educação	Português
Trabalho	Português, (Árabe)
Amizade	Português, Árabe
Clubes	Português, Árabe
Vizinhança	Português, (Árabe)

Tabela 4: Configuração de dominância do uso da língua por um membro típico da comunidade.

Os padrões de uso lingüístico dos descendentes de árabes em São Paulo implicam em uma estratégia de assimilação lingüística gradual à comunidade brasileira de fala. Os domínios mais favoráveis ao árabe são aqueles em que a língua é usada com maior frequência ou em igualdade com o português, a exemplo dos domínios doméstico, religião, amizade e clubes.

O português co-ocorre com o árabe em todos os domínios acima mencionados. Ele é usado progressivamente em domínios que deveriam ser ainda a reserva exclusiva do árabe, como o domínio doméstico e o domínio da religião. Dado que os tipos de comunicação característicos destes domínios são interpessoais, tais domínios têm uma grande influência nos valores e comportamentos de seus participantes.

Mesmo enfrentando competição crescente do português em todos os domínios, o árabe é ainda parte integrante do repertório lingüístico dos imigrantes árabes da segunda geração em São Paulo. O fato de usarem o português como a língua franca de comunicação com outros falantes árabes e em certos domínios próprios da comunidade pode indicar uma grande vontade por parte deles de se integrarem à comunidade brasileira.

A comunidade de origem árabe em São Paulo, embora integrada à sociedade brasileira, guarda espaços de convivência social em que a herança tradicional é cultivada. São esses espaços que, junto com a família, constituem o ambiente em que a língua árabe é valorizada e relativamente mantida como o domínio da religião, o domínio das clubes e da amizade.

Nenhuma comunidade de fala precisa de dois códigos lingüísticos ou mais para desempenhar os mesmos propósitos. O uso de uma língua ou mais dentro de uma certa comunidade depende das funções que cada língua pode exercer. Se duas línguas podem ser usadas intercambiavelmente em todas as ocasiões e por todos os falantes, uma seria desnecessária e finalmente abandonada.

O desempenho de funções separadas por línguas diferentes é que permite o bilingüismo persistente dentro da comunidade. Nas palavras do Fishman (1972: 92), "...the use within a single society of several separate codes was found to be dependent on each code's serving functions distinct from those considered appropriate for the other code. Whereas one set of behaviors, attitudes, and values supported and was expressed in one language, another set of behaviors, attitudes and values supported and was expressed in the other. Both sets of behaviors, attitudes and values were fully accepted as culturally legitimate and complementary, and indeed little if any conflict between them was possible in view of the functional separation between them".

Em uma diglossia estável, a comunidade bilíngüe mantém suas línguas diferentes, reservando cada uma para certos domínios, papéis e funções, isto é, com pouca transgressão de uma língua nos domínios, papéis e funções da outra. Isso significa que a língua étnica deve ser usada com os membros da comunidade principalmente no domínio doméstico, enquanto, com as pessoas externas à comunidade as conversações serão conduzidas na língua dominante, principalmente no domínio do trabalho (Hamers e Blank, 1989 e Romaine, 1988).

Os resultados desta pesquisa mostram que a comunidade árabe em São Paulo não mantém uma diglossia estável. Ao contrário, o português, como língua dominante, é usado alternativamente com o árabe em todos os domínios de uso linguístico e para executar funções que deveriam ser pertinentes ao árabe. O resultado desta diglossia instável é a perda inevitável da língua árabe dentro de algumas gerações, quando esta não for mais a primeira língua aprendida pelas crianças.

3.4 Usos Privados do Árabe e do Português

Este estudo examina também detalhadamente a preferência de uma língua sobre outra em algumas funções privadas.

Perguntou-se aos informantes a respeito da sua preferência lingüística em momentos de maior descontração, como xingar alguém, contar piadas, reagir em situações de emergência, fazer juramento ou promessa, fazer cálculo rápido, fazer lista de compras ou notas de lembretes e fazer leitura nas horas de descanso.

A tendência dos informantes de utilizar o árabe e o português em usos privados é muito alta ao xingar e fazer juramento ou promessa: 42% dos informantes usam ambas as línguas para xingar alguém, enquanto 34% usam somente o português e 18% usam somente o árabe. Da mesma forma, 25% dos informantes usam ambas as línguas para fazer juramento ou promessa, enquanto 36% usam o português e 38% usam somente o árabe. É somente ao fazer juramento ou promessa, uma forma pessoal da língua, que a preferência pelo árabe ultrapassa marginalmente o português. O fato de os informantes usarem o árabe, mais do que o português, no juramento pode ser relacionado à própria identidade religiosa deles. Jurar em árabe parece ter mais peso e autenticidade para os mesmos.

Há uma tendência menor entre os informantes de utilizar ambas as línguas em situações de emergência e ao fazer leitura nas horas de descanso: 15% dos informantes usam ambas as línguas no caso de emergência, enquanto outros 15% usam somente o árabe e a maioria, 70%, apenas o português.

A preferência pelo uso do português é predominante ao contar piadas e ao fazer cálculo rápido. A maioria dos informantes, 81%, prefere contar piadas somente em português enquanto 19% prefere utilizar ambas as línguas. Mais do que três quartos dos informantes, 77%, prefere fazer cálculo rápido em português, e menos de um quarto, 23%, prefere o árabe para essa atividade.

Mesmo que revistas e livros árabes sejam facilmente obtidos em São Paulo, apenas 13% dos informantes utilizam ambas as línguas ao fazer leitura; enquanto somente 6% preferem ler em árabe e a maioria, 81%, prefere ler em português. Ao fazer a lista de compras ou as notas de lembretes, o português é a língua preferida com 94% dos informantes e somente 6% utilizam ambas as línguas. Com

relação da questão dos usos privados do árabe na escrita, vale lembrar que somente 13% dos informantes têm habilidade para escrever em árabe. O modelo da escolha da língua nas várias funções privadas pode ser visto na tabela 5:

Função	Português	Árabe	Ambas
Xingar	27	13	29
Contar Piadas	59	-	13
Emergência	50	11	11
Juramento	26	27	18
Cálculo Rápido	56	-	16
Lista de Compras	68	-	4
Leitura	59	4	9

Tabela 5 : Escolha da língua preferida dos informantes nas funções privadas da língua.

A língua preferida nas funções privadas é considerada a língua dominante do falante e a última a sofrer mudança (Romaine, 1988:31). Os resultados mostram uma preferência alta e consistente do português em todas as funções privadas, salvo nos juramentos ou promessas, onde o árabe é marginalmente preferido. Tais resultados estão de acordo com os padrões de uso lingüístico nos vários domínios e confirmam novamente a predominância do português.

3.5 O Papel das Variáveis Não Lingüísticas na Manutenção e Mudança da Língua

3.5.1 Situação Sócioeconômica

A situação sócioeconômica pode ser um fator importante na manutenção da língua étnica. Todos os informantes que constituíram a amostra deste estudo têm uma situação sócioeconômica média. O fato da amostra ser homogênia não permitiu verificar o efeito da situação sócioeconômica na manutenção e mudança de língua.

3.5.2 Idade

A idade é a variável mais importante na manutenção da língua étnica. A tendência é caminhar em direção à perda de uso da língua étnica nas gerações seguintes. A nossa amostra de informantes se

constitui de três grupos de idade: o primeiro grupo é de 10 - 25 anos, o segundo grupo de 26 - 45 anos e o terceiro de 46 - 75 anos.

Os resultados revelam que a manutenção do árabe cresce em proporção à idade dos informantes. Enquanto somente 43% dos informantes no primeiro grupo de idade falam o árabe razoavelmente ou fluentemente, no segundo grupo o número sobe para 50% e no terceiro para 63%.

Este crescimento na manutenção do árabe de acordo com a idade dos informantes pode ser justificado por duas razões principais: o primeiro é que muitos dos primeiros imigrantes árabes não pretendiam se instalar no Brasil, fator esse que os levou a ensinar o árabe aos seus filhos. O segundo, é que muitos deles chegaram acompanhados de suas mulheres, o que constituiu um ambiente favorável para a manutenção do árabe. Além disso, o casamento fora da comunidade étnica, antigamente, era proibido pelos pais, um fato que garantiu, relativamente, a presença do árabe entre os informantes mais velhos da nossa amostra.

3.5.3 Sexo

Como já mencionamos, os homens árabes da primeira geração dominam melhor o português do que as mulheres árabes. Por um lado, o contato dos homens árabes com a sociedade brasileira foi superior ao das mulheres, na medida que eles lidavam com os brasileiros no domínio do trabalho, o que facilitou a aprendizagem do português. Por sua vez, as mulheres árabes ficavam dentro de casa encarregadas de cuidar das crianças e educá-las nos assuntos relacionados às tradições e aos valores étnicos, expondo-se raramente ao contato com os brasileiros, dificultando assim a aprendizagem do português. Por outro lado, os homens árabes casaram fora da comunidade étnica mais do que as mulheres árabes, e, junto com suas mulheres brasileiras, eles abraçaram o português.

Em relação aos membros da segunda geração, os resultados mostram que a diferença na manutenção do árabe entre as mulheres e os homens é insignificante: 59% das mulheres contra 56% dos

homens falam o árabe razoavelmente ou fluentemente. A exposição de ambos os sexos ao português é suficiente para garantir que eles alcancem proficiência semelhante nesta língua. As mulheres árabes são fluentes em português e participam de todas as atividades externas.

3.5.4 Religião

Os resultados mostram que há uma diferença grande entre os cristãos e os muçulmanos quanto à manutenção da língua étnica. Enquanto 76% dos informantes muçulmanos falam o árabe razoavelmente ou fluentemente, o número cai para 33% no caso dos informantes cristãos.

Três explicações podem ser propostas para justificar esta diferença na manutenção da língua étnica entre os árabes cristãos e os árabes muçulmanos. A primeira é que muitos árabes cristãos chegaram com a intenção de se instalarem no Brasil em decorrência da perseguição turca e, conseqüentemente, eles não se preocupavam em passar o árabe aos seus filhos.

A segunda explicação é a similaridade da religião dos árabes cristãos com os brasileiros o que torna sua assimilação na sociedade brasileira mais fácil do que para os árabes muçulmanos. Finalmente, o *status* do árabe, como a língua do Alcorão, faz com que muitas pessoas o coloquem em alta estima. Além disso, observa-se também que os árabes muçulmanos da segunda geração são mais freqüentadores da mesquita, onde se fala árabe, do que os árabes cristãos da igreja.

3.5.5 Escolaridade

Foi interessante observar que a escolaridade tem um efeito positivo na manutenção da língua étnica entre os descendentes árabes da segunda geração em São Paulo. Constatou-se que somente 57% dos informantes que têm segundo grau completo ou menos falam árabe razoavelmente ou fluentemente. Este número sobe para 68% no caso dos informantes que já têm curso superior. Isso mostra que quanto mais o informante é instruído, mais preocupa em manter a língua e a identidade étnica.

CAPÍTULO IV ATITUDES LINGÜÍSTICAS SOBRE O ÁRABE E O PORTUGUÊS

As atitudes lingüísticas constituem a maneira pela qual as pessoas consideram suas línguas ou variedades da mesma língua dentro da comunidade de fala. Em qualquer comunidade na qual duas ou mais línguas ou variedades coexistem, as pessoas tendem a avaliar tais línguas de acordo com sua utilidade na interação social e/ou sua contribuição na manutenção da identidade étnica. Conseqüentemente, uma das línguas ou das variedades é sempre vista como mais útil ou prestigiada do que a outra ou as outras.

As atitudes lingüísticas são importantes em muitos aspectos tais como mudança lingüística, manutenção e mudança de língua, educação e planejamento de língua, etc (Ryan e Giles, 1982, Shuy e Fasold, 1973, entre outros). No campo da sociolingüística, argumenta-se sempre que o estudo da variação lingüística não pode ser completamente explicado sem levar em conta as normas e os valores da comunidade lingüística (Omdal, 1995).

O estudo das atitudes lingüísticas é importante porque estas refletem as relações entre os diversos grupos lingüísticos que integram uma comunidade de fala e também determinam tais relações. As atitudes lingüísticas são um dos principais fatores que justificam as línguas aprendidas, usadas e preferidas pelos bilíngües (Grosjean, 1982: 127). À luz das atitudes dos bilíngües podemos entender seu comportamento lingüístico.

Para compreender o uso lingüístico entre os descendentes de árabes da segunda geração em São Paulo, é necessário explorar o campo das atitudes lingüísticas, tarefa com a qual nos ocuparemos neste capítulo.

4.1 Métodos de Pesquisa Sobre as Atitudes Lingüísticas

As atitudes lingüísticas podem ser estudadas através de dois métodos principais: métodos indiretos através do paradigma da avaliação do falante, e métodos diretos através de entrevistas e questionários. (Omdal, 1995 e Fasold, 1984).

O método indireto, mais conhecido para avaliar as atitudes lingüísticas, é a "matched-guise technique" no qual os mesmos falantes bilíngües são ouvidos em línguas diferentes. Os ouvintes das amostras gravadas devem avaliar a personalidade de cada falante de acordo com a sua fala. Esta técnica foi desenvolvida para mostrar que as línguas diferentes provocam avaliações estereotipadas de falantes de diferentes grupos lingüísticos e culturais. A diferença principal entre os métodos diretos e indiretos para avaliar as atitudes lingüísticas é que nos últimos, ao contrário dos primeiros, os sujeitos não estão conscientes do propósito das avaliações e, assim, não tentam dar respostas positivas e socialmente aceitáveis. O objetivo é descobrir atitudes lingüísticas encobertas em vez de atitudes públicas.

Para determinar o valor e a importância que os descendentes de árabes da segunda geração em São Paulo dão ao árabe e ao português e para obter respostas sobre as várias dimensões atitudinais de ambas as línguas, realizou-se uma investigação sociolingüística baseada em entrevistas com doze informantes bilíngües. (veja anexo II).

4.2 Atitudes Lingüísticas com Relação ao Árabe e ao Português

4.2.1 Algumas Observações Gerais

Como os descendentes de árabes vêem o português em relação ao árabe? Quais são suas atitudes sobre o uso e a utilidade do português? E como eles vêem o amplo uso do português em relação a sua religião e identidade étnica?

Algumas perguntas foram dirigidas aos informantes para que estes expressassem suas opiniões sobre o árabe e o português quanto à expressividade, dificuldade, riqueza lexical e prestígio. Em relação à expressividade, 8 informantes acham que o árabe é mais expressivo do que o português. Segundo eles, há expressões árabes relacionadas à religião islâmica com significados amplos e profundos que não têm equivalentes em português. Do mesmo modo, 9 informantes acham que o árabe é mais difícil do que o português em função da fonologia do árabe e pelo fato de serem falantes nativos do português. Como se sabe, existem muitos fonemas árabes que não têm equivalentes em português como, por exemplo, fonemas faríngeais¹³.

Com respeito à riqueza lexical, alguns informantes acham que o árabe é mais rico do que o português em certos aspectos e que o português é mais rico do que o árabe em outros. Um informante chamou a atenção para o fato de que em árabe é possível descobrir o gênero somente através da flexão dos verbos. Outro informante deu o exemplo de que a palavra "tio" em português pode se referir tanto a "tio materno" quanto a "tio paterno", enquanto o árabe contém duas palavras diferentes. Um informante lembrou que o português tem quatro artigos definidos e o árabe um só, o que mostraria a riqueza do português.

¹³ O árabe tem 11 consoantes, 5 dos quais são faríngeais, que não possuem equivalentes em português.

Sempre que há duas línguas em contato, uma é geralmente considerada mais prestigiada do que a outra. Em geral, a mudança ocorre da língua menos prestigiada em direção à mais prestigiada. No caso da comunidade árabe em São Paulo, vale observar que o português é positivamente avaliado pelos informantes e considerado essencial em todos os aspectos profissionais. Neste sentido, é importante apontar que a variedade de árabe falado pelos imigrantes árabes e seus descendentes em São Paulo adotou muitas palavras e expressões portuguesas, tais como *primo*, *patricio*, *puxa vida* e *tudo bem*, para expressar certas necessidades cotidianas, o que pode refletir o prestígio do português.

4.2.2 Instrumentalismo *Versus* Afetivo

Quando há duas línguas em uma relação majoritária/minoritária, estabelece uma situação diglósica na qual uma língua é associada com atividades relacionadas ao poder, tais como educação, dinheiro, governo, etc. Em geral, a ascensão social da minoria étnica está ligada à mudança da língua em direção à língua dominante.

Como as diferentes atitudes sobre uma língua podem determinar o seu destino lingüístico? Um fator importante é a função instrumental *versus* afetiva que a língua pode ter dentro da comunidade. A língua que permite avançar no trabalho, comunicar com um funcionário governamental ou entender o professor na sala de aula serve a uma função instrumental. Ao contrário, a língua que permite manter boas relações sociais, pedir desculpas, ou fazer um convite expressa uma função afetiva. Os bilíngües expressam tais funções em línguas diferentes e os monolíngües em estilos diferentes da mesma língua (Holmes, 1993: 171).

Examinaremos aqui e nas seções seguintes se a manutenção do árabe ou a mudança para o português em São Paulo estão relacionadas às orientações afetivas e instrumentais de cada língua. Em outras palavras, se a língua é vista em termos da sua utilidade como um meio (instrumentalismo) ou do seu valor como um símbolo da identidade (afetivo).

Em muitos casos de mudança, a língua da minoria é abandonada em favor da língua da maioria, ou da cultura dominante, se esta última é percebida como relevante para a ascensão social (Mackay, 1992:136). Vale lembrar aqui que a pressão para falar o português como um pré-requisito para o sucesso econômico, entre outros, foi fortemente sentido por muitos imigrantes árabes da primeira geração. Eles geralmente deram muito valor ao português e encorajaram seus filhos a aprendê-lo.

A lealdade em relação a uma língua minoritária persiste quando as circunstâncias econômicas e sociais estão a ela relacionadas, mas se uma língua majoritária se mostra mais útil, começa a ocorrer uma mudança em direção a esta segunda língua. Os imigrantes árabes da primeira geração em São Paulo tiveram poucas razões válidas para passarem o árabe aos seus filhos, mesmo que eles próprios estivessem fortemente ligados à sua língua nativa.

Os descendentes de árabes da segunda geração, por sua vez, questionam a necessidade prática de aprender a língua árabe. Eles estão cientes de que o árabe não é associado com educação formal ou sucesso econômico em São Paulo. Sua preferência pelo português origina-se do fato de que o árabe não lhes oferece funções sociais importantes. Assim, eles podem achar poucas ou até nenhuma necessidade de aprender a língua dos ancestrais e transmiti-la a seus filhos. Ao contrário, os descendentes de árabes reconhecem a importância do português nos domínios educacionais, econômicos e políticos. Para eles, a chave do sucesso na sociedade brasileira está, em boa parte, na proficiência em português.

Observando o conjunto das entrevistas vimos que os informantes consideram que para tirar proveito de tudo que São Paulo oferece em educação, trabalho, etc, deve-se falar a língua do país. Também para viver à vontade com os vizinhos, fazer compras, lidar com os funcionários, entre outras coisas, o português é indispensável. Um informante expressou a necessidade empírica do português ao declarar "...sem o português não posso lidar com meus clientes, não posso trabalhar, simplesmente eu

não sirvo para nada". Enfim, os resultados mostram claramente a natureza instrumental do português, que é motivada pela sua utilidade.

4.2.2.1 Língua e Religião

O fato de as línguas não serem somente instrumentos de comunicação, mas estarem também ligadas às identidades dos grupos sociais, religiosos ou étnicos pode ter consequências na avaliação destas línguas (Edwards, 1985, Appel e Muysken, 1987). Qual é a influência da religião islâmica nas atitudes dos brasileiros árabes sobre a língua étnica?

Como vimos anteriormente; dado que o árabe é a língua do Alcorão e o principal repositório das ciências religiosas islâmicas, ele tem servido como o instrumento principal do islamismo e é visto como revelado por Deus. Nesse sentido, os árabes muçulmanos consideram que a natureza divina do Alcorão se estende à língua árabe em geral. Esta relação íntima entre o islamismo e o árabe aparece nas atitudes dos informantes.

Porém, esta identificação entre o islamismo e a língua árabe não é surpreendente. Muitos árabes acreditam que o islamismo preservou o árabe do mesmo modo que o árabe preservou o islamismo. Eles admitem que, se não fosse o islamismo, os dialetos locais do árabe teriam sido desenvolvidos em línguas separadas, da mesma maneira que as línguas românicas derivaram do latim e se desenvolveram separadamente. (Zughouli, 1984: 171).

A teoria de Smolicz (1992) sobre os valores vitais (core values) da cultura é importante nas tentativas de entender os padrões de manutenção e mudança de línguas minoritárias em sociedades dominantes. Esta teoria chama a atenção para aqueles aspectos específicos da cultura que representam o centro da vida de um dado grupo e agem como valores simbólicos identificadores para o grupo e seus membros. Uma língua imigrante, como o árabe em São Paulo, será provavelmente mantida se tal língua tem uma posição segura no sistema dos valores vitais do grupo minoritário.

No caso dos muçulmanos brasileiros de origem árabe, a mudança para o português nem sempre implica uma mudança correspondente à sua identidade cultural e religiosa. Para eles, o árabe tem um papel simbólico importante como veiculador da herança cultural e tradição religiosa. Sendo o único meio apropriado nas orações, o árabe será mantido no nível religioso porque é necessário recitar os versículos alcorânicos para poder participar dos serviços religiosos. Assim, os laços fortes entre a língua árabe e a religião islâmica parecem fortalecer as atitudes positivas dos descendentes de árabes muçulmanos em relação a língua dos ancestrais.

4.2.2.2 Língua e Identidade

As atitudes lingüísticas de uma certa minoria sobre sua língua étnica é um fator importante para explicar o grau da mudança para a língua dominante. Quando a língua é considerada crucial para a identidade cultural dos falantes, eles a mantêm apesar das pressões do grupo majoritário e sua cultura. Por outro lado, quando os membros do grupo minoritário desejam se integrar à nova cultura e vêem sua língua como um obstáculo para alcançar este objetivo, eles mudam para a língua dominante (Fasold, 1984, Romaine, 1988).

Como os descendentes árabes em São Paulo vêem sua origem étnica? Eles consideram o árabe como um componente importante da sua identidade cultural? Aqui examinaremos as atitudes dos informantes sobre a natureza e ligação entre a língua e a identidade cultural e étnica.

Apesar de se considerarem brasileiros, muitos dos informantes mostram uma orientação marcante em relação à comunidade árabe e colocam sua cultura e língua em uma alta posição. Os informantes que já perderam sua língua ancestral no processo da assimilação para o português expressam um profundo pesar. Um deles descreveu seu sentimento de não dominar o árabe como "....uma frustração grande que gera uma ansiedade e bloqueio para o aprendizado".

Os informantes indicaram que consideram os casamentos endogâmicos como positivos e muitos deles escolheram nomes árabes para seus filhos. Estes fatos parecem indicar que eles estão muito ligados à sua identidade étnica.

Apesar do relativo alto nível de integração dos membros da comunidade árabe na sociedade brasileira, a maioria dos informantes considera importante a manutenção do árabe. Eles expressaram tal atitude em comentários como "o árabe é a marca da nossa religião", "ele é vital para a preservação da nossa cultura" e "as pessoas que não conhecem seu passado não podem determinar os rumos do seu presente e futuro". Os informantes acham também que é necessário fundar escolas árabes para que seus filhos mantenham certa competência na língua dos ancestrais. Estas atitudes positivas sobre a manutenção da língua e cultura árabes são fatores que ajudam a retardar a mudança para o português.

Mesmo que eles sejam tão brasileiros como qualquer um dos seus vizinhos, os descendentes árabes são orgulhosos da sua origem étnica e um dos símbolos mais fortes desta origem é a língua árabe. Em geral, os informantes apresentaram três razões principais a favor da manutenção do árabe. A primeira é manter a unidade da comunidade. A segunda é o valor da língua e cultura árabes que são vistos como muito preciosos para serem perdidos. A terceira razão para a manutenção do árabe é o fato de esta ser a língua do Alcorão.

Qual é a relação entre a língua, a identidade cultural e a manutenção/perda da língua? Será que as pessoas sempre vêem sua identidade linguística como sua identidade cultural de tal modo que a perda de uma signifique também a perda da outra? A respeito da manutenção da língua e da etnia e da relação entre ambas, Fishman (1966: 399), tem a seguinte observação " In general, ethnicity and cultural maintenance appear to be much more stable phenomena than language maintenance. On the one hand, most immigrants become bilingual (i.e English displaces the hitherto exclusive use of their mother tongue in certain kinds of interactions) much before they embark on de-ethnization or seriously

contemplate the possibility of bi-culturism. On the other hand, marginal but yet functional ethnicity lingers on (and is transmitted via English) long after the ethnic mother tongue becomes substantially dormant or is completely lost".

De acordo com a observação de Fishman, muitos descendentes de árabes da segunda geração em São Paulo adotaram o português mas, ao mesmo tempo, mantêm sua identidade cultural e étnica através da preservação do folclore, comida, religião e família.

Os grupos sociais se identificam com uma variedade de fatores tais como: normas, valores, leis, costumes, crenças, língua, arte, etc. Todos esses fatores, juntos, constituem a "cultura" ou a "identidade cultural" de um grupo social. É importante aqui salientar que a cultura é um termo superordenado, isto é, abrange muitos fatores mas não se limita a nenhum deles. A perda de um fator, então, não implica automaticamente a perda da identidade cultural (Pandharipande, 1992: 261).

O processo de aculturação afeta os filhos de imigrantes em toda parte do mundo (Grosjean, 1982: 164). Ao comunicar com os membros da nova cultura, eles devem adaptar seu comportamento da antiga para a nova cultura. Para tal, adquirem muitos elementos da nova cultura, inclusive a língua, e os integram adequadamente à sua primeira cultura. Sua identidade se torna, pois, bicultural.

Dado que são vulneráveis a muitas influências e desejam integrar-se à sociedade brasileira, os descendentes de árabes em São Paulo não têm o que escolher a não ser assumir as duas culturas. Caso contrário, eles sofreriam ansiedade e alienação social. Os descendentes de árabes asseguram a manutenção da sua identidade cultural através da preservação de certos aspectos étnicos e, ao mesmo tempo, introduzem novas formas para responder às exigências do cotidiano.

É evidente que ser membro de um certo grupo significa saber como as coisas funcionam em tal grupo e como agir, inclusive como falar, nas várias situações do dia-a-dia daquele grupo. Os descendentes de árabes têm de compartilhar maneiras de pensar e falar com os brasileiros para terem

acesso às redes sociais e participar das diversas atividades. Neste contexto, a mudança para o português pode ser considerada como uma estratégia de participar e ser bem sucedido na cultura brasileira dominante, enquanto a perda do árabe é uma consequência inevitável e completamente natural no processo da aculturação.

As atitudes lingüísticas devem ser consideradas como um dado importante para a compreensão dos processos de manutenção e mudança da língua. As opiniões de uma certa comunidade sobre sua língua étnica ajudam a determinar se esta será ou não mantida. As atitudes lingüísticas negativas ou positivas sobre uma certa língua podem ter um efeito profundo nos seus falantes. A longo prazo, atitudes negativas podem levar a uma mudança da língua quando os pais não vêem motivo para transmiti-la a seus filhos.

As atitudes positivas sobre o árabe são geralmente causadas pelo papel que ele desempenha como um marcador da identidade étnica e/ou religiosa dos informantes. Independentemente de tais atitudes positivas, os brasileiros árabes estão cientes de que é o português que é necessário para o avanço social. O fato de eles avaliarem ambas as línguas positivamente implica que eles se percebem como membros simultaneamente concorrentes das duas comunidades de fala.

Em outros termos, os resultados mostram atitudes positivas gerais sobre bilingüismo em árabe e português, isto é, o árabe é símbolo da unidade étnica e identidade religiosa e cultural, e o português é importante por questões sócioeconômicas. Tais resultados ilustram os tipos de atitudes que existem dentro de dois grupos lingüísticos quando um é dominante politicamente, economicamente, culturalmente e sobretudo numericamente.

Todavia, a identificação com a língua árabe e as atitudes positivas em relação a ela não garantem sua manutenção. Estas atitudes não são sempre acompanhadas pelo uso lingüístico, como nós já vimos, nem pela vontade efetiva de promover a língua em questão.

Enfim, as atitudes lingüísticas dos informantes sobre ambas as línguas podem ser simplificadas como se segue: o árabe é preferido por motivos integrais, isto é, como um símbolo da identidade étnica, cultural e religiosa, enquanto a adesão ao português serve à necessidade prática de avançar e integrar-se na sociedade brasileira.

Edwards (1985: 17, 18), distingue entre as funções comunicativas e simbólicas da língua. Segundo ele, esses dois aspectos da língua são distintos como se pode notar ao examinar as atitudes lingüísticas de um grupo minoritário em uma sociedade dominante. A língua como um meio de comunicação é geralmente o mais dispensável marcador da etnia. O envolvimento crescente dos membros do grupo minoritário na sociedade dominante e a aceitação de novos estilos de vida significa que a mudança rumo a língua dominante é inevitável. Mas a língua étnica como um símbolo continua a ser usado em domínios específicos e para desempenhar certas funções. A lealdade expressa pelos descendentes de árabes em São Paulo com relação a língua dos ancestrais é uma característica da sua identidade étnica. Dado que não impede a participação na sociedade brasileira tal característica, ou seja, o árabe enquanto um símbolo étnico, é resistente à mudança. A ligação sentimental à língua árabe, então, sobreviverá por muito tempo à perda da mesma no nível comunicativo.

CONCLUSÃO

Por que o árabe não está sendo largamente transmitido para as futuras gerações? A manutenção do árabe em São Paulo é uma possibilidade verdadeira? O ambiente do árabe na referida cidade, os padrões de proficiência, uso lingüístico e atitudes dos informantes traçadas neste estudo sugerem que o árabe está caminhando rumo à extinção.

O ambiente do árabe em São Paulo é desfavorável ao seu futuro. As instituições comunitárias árabes na referida cidade promovem, até certo ponto, solidariedade étnica e preservação cultural. Mas sua contribuição no sentido de manter a língua árabe é muito limitada devido a desnecessidade de usar a mesma e da pressão cotidiana de usar o português.

O interesse pessoal entre os descendentes de árabes de manterem o árabe é muito baixo dado que a vida social e econômica em São Paulo é baseada no conhecimento do português. Eles mostraram um alto grau de competência em português e atribuíram uma significância menor ao árabe. Suas habilidades lingüísticas tão baixas em árabe não fornecem uma base firme para transmitirem a língua aos seus descendentes.

A manutenção de uma língua minoritária depende do seu uso contínuo dentro de domínios lingüísticos bem definidos. É essencial que os falantes da língua minoritária sintam a necessidade de usarem as duas línguas na comunicação do dia-a-dia. O número de domínios em que o árabe é considerado uma língua adequada é muito limitado. Nos domínios de educação, trabalho e vizinhança o português é a língua quase sempre usada. É somente no domínio da religião e nos domínios informais que os informantes utilizam ambas as línguas ainda com uma tendência maior em usar o português.

As atitudes lingüísticas sobre a língua árabe são geralmente positivas e a maioria dos informantes considera o conhecimento da mesma como um componente importante da identidade árabe. Porém, só as atitudes positivas não são suficientes para manterem uma língua minoritária em um ambiente

monolíngüe. Um núcleo de falantes proficientes em tal língua, oportunidades de usá-la em uma variedade de domínios e uma determinação forte de preservá-la são outros fatores indispensáveis (Aipolo e Holmes, 1990 e Holmes, 1993). Este estudo revelou que tais fatores não estão presentes atualmente na comunidade árabe paulistana de fala.

Em resumo, os resultados que obtivemos a partir deste estudo é que a perda da língua étnica entre os descendentes de árabes está ocorrendo mais amplamente do que podíamos esperar e que a maioria deles tem o português como a primeira língua. O futuro do árabe em São Paulo dependerá certamente de iniciativas positivas da comunidade árabe tais como: a introdução de educação bilíngüe que conte com todos os níveis escolares, impedimento da infiltração do português nos domínios do árabe e encorajamento dos casamentos étnicos para evitar os efeitos lingüísticos debilitantes dos casamentos exogâmicos. Caso contrário, com o falecimento de seus pais, o árabe provavelmente desaparecerá como uma língua viva usada na comunicação cotidiana pelos descendentes de árabes em São Paulo!

ANEXO I

Instruções: Por favor, preencha a primeira seção (dados pessoais), depois, para as perguntas no seguinte questionário, marque sua resposta e preencha os espaços em branco.

Data:/...../1995.

Nome (optional):

Sexo: Idade:

Situação sócio-econômica: () Baixa () Média () Alta.

Religião: Profissão:

Profissão do pai: Profissão da mãe:

Escolaridade: () iletrado () primário () primeiro grau () segundo grau () curso superior

Língua nativa do pai: Língua nativa da mãe:

Se você é casado, seu cônjuge tem descendência árabe? () Sim () Não.

1- Você frequenta a () igreja, () mesquita.

2- Seus pais pretendem morar no Brasil para sempre ou voltar um dia para sua terra de origem?

.....

3- Você já viajou para o país de origem de seu pai?

4- Quanto tempo você permaneceu lá?

5- Você tem vizinhos árabes no mesmo bloco, rua, bairro ou comércio?

6- Você visita famílias árabes regularmente?

7- Na sua casa moram outros falantes nativos do árabe além do seu pai e/ou mãe?

8- Você encontra outros falantes do árabe nos clubes e festas?

9- Você participa nas reuniões e atividades da comunidade árabe em São Paulo?.....

10- Você fala o árabe:

☐ Não fala ☐ Fala pouco ☐ Fala razoavelmente ☐ Fala fluentemente

11- Você lê o árabe:

☐ Não lê ☐ Lê pouco ☐ Lê razoavelmente ☐ Lê facilmente

12- Você escreve o árabe:

☐ Não escreve ☐ Escreve pouco ☐ Escreve razoavelmente ☐ Escreve corretamente.

13- Você entende o árabe:

☐ Não entende ☐ Entende pouco ☐ Entende razoavelmente ☐ Entende bem.

14- Você fala o português:

☐ Não fala ☐ Fala pouco ☐ Fala razoavelmente ☐ Fala fluentemente

15- Você lê o português:

☐ Não lê ☐ Lê pouco ☐ Lê razoavelmente ☐ Lê facilmente

16- Você escreve o português:

☐ Não escreve ☐ Escreve pouco ☐ Escreve razoavelmente ☐ Escreve

17- Você entende o português:

☐ Não entende ☐ Entende pouco ☐ Entende razoavelmente ☐ Entende bem.

18- Ao falar árabe, você muda para português: ☐ Sempre ☐ Às vezes ☐ Raramente.

19- Ao falar português, você muda para árabe: ☐ Sempre ☐ Às vezes ☐ Raramente.

20- Entre árabe e português que língua você entende melhor?

21- Há situações em que você sente dificuldades para falar em árabe?

22- Você acha que está gradualmente esquecendo o árabe?

23-Que língua você geralmente usa com seu pai?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

24- Que língua você geralmente usa com sua mãe?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

25- Que língua você geralmente usa com seus avós árabes?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

26- Que língua você geralmente usa com seus tios árabes?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

27- Que língua você geralmente usa com seus irmãos?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

28- Que língua você geralmente usa com seu cônjuge?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

29- Que língua você geralmente usa com seus filhos?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

30- Que língua você geralmente usa com seus sobrinhos?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

31- Que língua você usa com mais frequência na escola?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

32- Que língua você usa com mais frequência no trabalho?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

Que língua você geralmente usa com seus amigos árabes?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

34- Que língua você geralmente usa na igreja / mesquita?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

35- Que língua você geralmente usa com a vizinhança?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

36- Que língua você geralmente usa nos clubes árabes?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

37- Se você está com raiva de alguém, você xinga ele em que língua?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

38- Que língua você usa para contar piadas?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

39- Se você está em uma situação de emergência, sua primeira reação é falar em que língua?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

40- Que língua você usa quando faz juramento ou promessa?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

41- Você consegue fazer cálculo rápido em que língua?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

42- Que língua você usa para conversar sobre esportes e eventos atléticos?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

43- Que língua você usa para escrever a lista de compras ou as notas lembretes?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

44- Em que língua você faz leitura nas horas de descanso?

☐ Árabe ☐ Português ☐ Ambas.

ENDEREÇO:

.....

.....

.....

.....

.....

ANEXO II

Perguntas dirigidas aos informantes sobre suas atitudes de árabe e português.

- 1- Se você não domina o árabe, como você se sente?
- 2- Você gostaria que os seus filhos falassem o árabe?
- 3- Se nós pararmos de usar o árabe, você acha que podemos manter a cultura e a identidade da nossa comunidade?
- 4- Você prefere que seu filho se case com uma mulher árabe ou brasileira?
- 5- Você prefere dominar melhor o árabe ou o português?
- 6- Você escolheu ou escolheria nomes árabes ou brasileiros para os seus filhos?
- 7- Você acha que os árabes no Brasil devem fundar escolas para ensinar a língua étnica e a religião?
- 8- Qual língua é mais expressiva ; árabe ou português?
- 9- Qual língua é mais rica ?
- 10- Qual língua é mais difícil?
- 11- Qual língua é mais prestigiada?
- 12- Qual língua é mais útil?

SUMMARY

This work examines certain aspects of linguistic contact between Arabic and Portuguese mainly with respect to language maintenance and language shift among second-generation Arab immigrants in São Paulo.

In addition to a brief introduction to outline the problem, this work consists of four chapters: the first one deals with the history of Arab immigration to Brasil, its motives and waves and the present panorama of the Arab descendents in the Brazilian society. This information is derived mainly from Knowlton (1951), Safady (1973), Hajjar (1985) and Zeghidour (1982).

The second chapter examines the various extralinguistic factors that favour or impede the assimilation of the Arab immigrants in São Paulo and has as a theoretical basis Gaarder (1979), Grosjean (1982), Fasold (1984), Giles *et al* (1977) among others. The third chapter investigates the present linguistic situation of the Brazilian Arabs in São Paulo by analyzing the process of language shift from Arabic to Portuguese. The analysis is carried out in the light of Weinreich (1952), Fishman (1965), (1966), (1972) and other relevant studies. Finally, the fourth chapter deals with the attitudes of the Arab descendents in relation to Arabic and Portuguese. Shuy and Fasold (1973) and Ryan and Giles (1982) were of great utility in this respect.

This work shows that the majority of the Arab descendents in São Paulo have Portuguese as the first language and that Arabic is being threatened of extinction as a living language used by them on a daily basis.

Key-words: Sociolinguistics - Arabic Language in São Paulo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIPOLO, Anahina e HOLMES, Janet. (1990). The use of Tongan in New Zeland: prospects for language maintenance. *Multilingual and multicultural development*. Vol. 11. No. 6. pp. 501-521.
- ANASTASIOS, Tamis. (1991). Modern Greek in Australia. *Language in Australia*. ROMAINE, Suzanne (org). New York: Cambridge University Press. pp. 249-262.
- APPLEL, René e MYSKEN, Pieter. (1988). *Language contact and bilingualism*. London: Edward Arnold.
- BÁNÓ, Klára. Falk. (1988). Characteristics of language shift in two American Hungarian bilingual communities. *Papers and studies in contrastive linguistics*. Vol. 24. pp. 161-170.
- BEARDSMORE, B. Hugo e BEEK, V. Herman. (1984). Multilingual television supply and language shift in Brusseles. *IJSL*. 48. pp. 65-79.
- BENTAHILA, Abdelâi e DAVIS, Eirlgs.E. (1992). Convergence and divergence. *Maintenance and loss of minority languages*. FASE, Willem *et al.* (orgs). John Benjamins Publishing Company. Amsterdam / Philadelphia. pp. 197-210.
- BERGER, Morroe. (1959). Americans from the Arab world. *The world of Islam: Studies in honour of Philip K. Hitti*. KRITZECK, James e WINDER, R. Bayly. (orgs). London Macmillan Co LTD. pp. 351-372.
- BHATT, Rakesh. Mohan. (1992). Language identity, conflict and convergence in south Asia. *Studies in the linguistic sciences*. Vol. 22. No. 1. pp. 17-37.
- BILLS, D. Garland *et al.* (1995). The geography of language shift: distance from the Mexican border and Spanish language claiming in the Southwestern U.S. *IJSL*. 114. pp. 9-27.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. (1983). The sociolinguistic situation in Brasil. *Sociolinguistics*. Vol. XIV. No. 1. pp. 1-5.

- BYUN, Myung-sup. (1990). Bilingualism and bilingual education: the case of the Korean immigrants in the United States. *International Journal of the Sociology of Language* (IJSL). 83. pp. 109-128.
- CARRANZA, Michael e RYAN, Ellen Bouchard. (1975). Evaluative reactions of bilingual Anglo and Mexican American adolescents towards speakers of English and Spanish. *Linguistics*. 166. pp. 83-104.
- CHUMACEIRO, Rita. Mendes. (1982). Language maintenance and shift among Jerusalem Sephardim. *IJSL*. 37. pp. 25-39.
- COHEN, Andrew. (1974). Mexican-American evaluation judgements about language varieties. *Linguistics*. 136. pp. 33-51.
- COOPER, Robert e FISHMAN, Joshua. A. (1974). The study of language attitudes. *Linguistics*. 136. pp. 5-32.
- DEMOS, Vasilikie. (1988). Ethnic mother-tongue maintenance among Greek orthodox Americans. *IJSL*. 69. pp. 59- 71.
- DE VRIES, John. (1992). Language maintenance and shift: problems of measurement. *Maintenance and loss of minority languages*. FASE, Willem *et al.* (orgs). John Benjamins Publishing Company. Amsterdam / Philadelphia. pp. 211- 222.
- DORIAN, Nancy. (1981). *Language death: the life cycle of a scottish Gaelic dialect*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- EDWARDS, John. (1985). *Language, society and identity*. Basil Blackwell.
- ESTADO de São Paulo. (1995). Caderno International. 11 de junho.
- FASOLD, Ralph. (1984). *Sociolinguistics of society*. Oxford: Basil BlackWell.
- FERGUSON, Charles. A. (1959a). Diglossia. *Word*. 15. pp. 325-340.
- (1959b). Myths about Arabic. *Readings in the sociology of language*. FISHMAN, Joshua. A. (org). The Hague: Mouton.

- FISHMAN, Joshua. A. (1964). Language maintenance and language shift as fields of inquiry. *Linguistics*. 9. pp. 32-70.
- (1965). The relationship between micro- and macro- sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when. *Directions in sociolinguistics*. HYMES, Dell e GUMPERZ, John. J. New York, Holt, Rinehart and Winston. pp. 15-32.
- *et al.* (orgs). (1966). *Language loyalty in the united states*. The Hague: Mouton.
- (org). (1968c). *Readings in the sociology of language*. The Hague: Mouton.
- (1968e). Sociolinguistic perspective in the study of bilingualism. *Linguistics*. 39. pp. 21-44.
- (1971). Bilingual attitudes and behaviors. *Bilingualism in the bairro*. Vol. 7. Indiana University. Bloomington. pp. 105- 116.
- (1972). *The sociology of language*. Newbury House Publications Rowley, Massachusetts.
- (org). (1972a). *Advances in the sociology of language*. Vol. 2. The Hague: Mouton.
- FOLHA de S. Paulo (1996). Caderno Turismo, 2 de dezembro.
- GAARDER, Bruce. A (1979). Language maintenance or language shift. *Bilingualism in early childhood*. MACKEY, W e FAND, Anderson. (orgs). Rowley, Mass. 409-434.
- GAL, Susan. (1978). Variation and change in patterns of speaking: language shift in Austria. *Linguistic variation: Models and methods*. SANKOFF, D (org). New York, Academic Press. pp. 64-68.
- GARNER, Mark. (1988). Ethnic languages in two small communities: swedish and russian in Melbourne. *IJSL*. 72. pp. 37-50.
- GILES, Howard. (org) (1977). *Language, Ethnicity and Intergroup Relations*. London: Academic Press.
- GROSJEAN, François. (1982). *Life with two languages: An introduction to bilingualism*. Cambridge, Harvard University.

- GUMPERZ, J. J. (1982b). *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HAJJAR, Fahd. Claude. (1985). *Imigração Árabe: cem anos de reflexão*. Icone Editora Ltda. São Paulo.
- HALLER, Herman. W. (1988). Ethnic-language mas media and language loyalty in the United States today: The case of French, German and Italian. *Word*. Vol. 39. No. 3. pp. 187-200.
- HAMERS, Josiane. F e BLANK, Michel. H. A. (1989). *Bilinguality and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University.
- HARRIS, Tracy. K. (1982). Reasons for the decline of Judeo-Spanish. *IJSL*. 37. pp. 71-97.
- HART-GONZALEZ, Lucinda e FEINGOLD, Marcia. (1990). Retention of Spanish in the home. *IJSL*. 84. pp. 5-34.
- HOFMAN, John. E e CAIS, Judith. (1984). Children's attitudes to language maintenance and shift. *IJSL*. 50. pp. 147-153.
- HOLMES, Janet. (1993). Immigrant women and language maintenance in Australia and New Zeland. *International journal of applied linguistics*. Vol. 3. No. 2. pp. 159-179.
- HUFFINS, Lois. Marion. (1980). Pennsylvania German: maintenance and shift. *IJSL*. 25. pp. 43-57.
- JOHNSTONE, Ruth. (1967). Language usage in the homes of polish immigrants in western Australia.. *Lingua*. 18. pp. 271-289.
- KNOWLTON, Clark. S. (1951). *Sírios e libaneses*. Editora Anhambí, São Paulo.
- KOUZMIN, Ludmila. (1988). Language use and language maintenance in two russian communities in Australia. *IJSL*. 72. pp. 51-65.
- LABOV, W. (1964). Stages in the acquisition of standard English. ROGER, Shuy (org). *Social dialect and language learning*. Champaign III, National council of teachers of English.

- LABOV, W. (1966). *The Social Stratification of English in New York City*. Washington DC: Center for Applied Linguistics.
- LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LAMBERT, E. Wallace *et al.* (1975). Language attitudes in a french-American community. *Linguistics*, 158. pp. 127-152.
- LEWIS, E. Glyn. (1975). Attitudes to language among bilingual children and adults in Wales. *Linguistics*, 158. pp. 103-125.
- LI, Lang. Wen. (1982). The language shift of Chinese-Americans. *IJSL*, 38. pp. 109-124.
- MACKAY, Carolyn. J. (1992). Language maintenance in Chipilo: a Vento dialect in Mexico. *IJSL*, 96. pp. 129-145.
- MAHAIRI, Ahmad. Saleh. (1992). *A Presença Árabe na América Latina*. Editora Makka. S.B. do Campo: São Paulo.
- MALINOWSKI, Arlene. (1983). Judeo-Spanish language maintenance efforts in the United States. *IJSL*, 44. pp. 137-151.
- MILROY, Lesley. (1987). *Language and social networks*. 2 nd ed. Oxford: Blackwell.
- MOSKOVICH, Wolf. (1987). Demographic and institutional indicators of Yiddish language maintenance in the Soviet Union, 1959-1986. *IJSL*, 67. pp. 135-144.
- MOUGEON, Rymond e BENIAK, Edourd. (1994). Bilingualism, language shift, and institutional support for French: the case of franco-Ontarians. *IJSL*, 105/106. pp. 99-126.
- OMDAL, Helge. (1995). Attitudes towards spoken and written Norwegian. *IJSL*, 115. pp. 85-106.
- PANDHARIPANDI, Rajeshwari. (1992). Language shift in India: Issues and Implications. *Maintenance and loss of minority languages*. FASE, Willem. *et al.* (orgs). John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/ Philadelphia. pp. 253-275.

- PARASHER, S. V. (1980). Mother tongue- English diglossia: a case study of educated Indian bilinguals' language use. *Anthropological linguistics*. Vol. 22. No. 4. pp. 151-162.
- PAUWELS, Anne. (1988). Diglossic communities in transition: the cases of the Limburgs and Swabian speech communities in Australia. *IJSL*, 72. pp. 85-99.
- PÜTZ, Martin. (1991). Language maintenance and language shift in the speech behaviour of German-Australian migrants in Canberra. *Multilingual and multicultural development*. Vol. 12. No. 6. pp. 477-492.
- RENZ, B. Byron. (1987). Portuguese-language broadcasting in linguistic and cultural maintenance in northern California. *IJSL*, 68. pp. 23-40.
- ROMAINE, Suzanne. (1988). *Bilingualism*. Oxford: Basil Blackwell.
- RUBIN, Joan. (1968). Attitudes. *National bilingualism in Paraguay*. Mouton: The Hague. pp. 46-68.
- RYAN, Ellen. Bouchard e GILES, Howard. (1982). *Attitudes towards language variation*. Edward Arnold.
- SAFADY, Jamil. (1949^a). *Panorama da Imigração Árabe*. Obras Completas. Editora Comercial Safady Ltda. SP.
- SAFADY, Jamil. (1949^b). *O Café e o Mascate*. Obras Completas. Editora Comercial Safady Ltda. SP.
- SAFADY, Jorge. S. (1973). *A imigração Árabe no Brasil*. Tese de doutorado da USP.
- SCHIEBEN-LANGE, Brigitte. (1993). Uma proposta para o desvendamento de língua encoberta. *História do falar e história da linguística*. Editora da Unicamp, Campinas, SP, Brasil. pp. 93-110.
- SHUY, Roger.W e FASOLD, Ralph. W. (1973). *Language attitudes: Current trends and prospects*. Georgetown University Press.
- SMOLICZ, Jerzy. J. (1992). Minority languages as core values of Ethnic cultures: A study of maintenance and erosion of Polish, Welsh and Chinese languages in Australia. *Maintenance and loss of*

- minority languages*. FASE, Willem *et al.* (orgs). John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia. pp. 277-305.
- SRIDHAR, Kamal. K. (1988). Language maintenance and language shift among Asian-Indians: Kannadigas in the New York area. *IJSL*, 69. pp. 73-87.
- SRIVASTAVA, R. N. (1987). Perspectives on language shift in multilingual settings. *IJSL*, 75. pp. 9-26.
- TIMM, A. Lenora. (1980). Bilingualism, diglossia and language shift in Brittany. *IJSL*, 25. pp. 29-41.
- VELTMAN, Calvin. (1991). Theory and method in the study of language shift. *Language and ethnicity: Focusschrift in honor of Joshua, A. Fishman on the occasion of his 65 th birthday*. DOW, James (org). Vol. 2. John Benjamin Publishing Company. Amsterdam / Philadelphia. pp. 145-162.
- WEINREICH, Uriel. (1952). *Languages in contact: Findings and problems*. New York: linguistic circle of New York.
- WHERRITT, Irene e GONZALEZ, Nora. (1989). Spanish language maintenance in a small Iowa community. *IJSL*, 79. pp. 29-39.
- WILLIMSON, Robert. C *et al.* (1983). Language maintenance and shift in a Breton and Welsh sample. *Word*. Vol. 34. No. 2. pp. 67-88.
- WOLFSON, Nessa e MANES, Joan. (orgs). (1985). *Language of inequality*. Berlin: Mouton.
- YOUNG, Russell. L *et al.* (1992). Language attitudes in Taiwan. *IJSL*, 98. pp. 5-14.
- ZEGHIDOUR, Slimane. (1982). *A poesia Árabe moderna e o Brasil*. Editora Brasiliense s.a.
- ZOGHOUL, M. R e TAMINIAN, Lucine. (1984). The linguistic attitudes of Arab university students: Factorial structure and intervening variables. *IJSL*, 50. pp. 155-179.